

Da Mihi Animas
REVISTA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

dma

2017
04
TRIMESTRAL

A profecia do ir



dma

REVISTA DAS
FILHAS DE MARIA
AUXILIADORA

NÚMERO 01 . 2017

Ano LXIII
TRIMESTRAL

www.rivistadma.org

Reg. Tribunale di Roma
n. 13125/1969
Sped. abb. post. - DL 353/2003
(conv. in L. 27/02/2004 n° 46) art. 1,
comma 2 - DCB Roma

www.rivistadma.org
na capa

foto Archivio FMA

Editor

Istituto Internazionale
Maria Ausiliatrice
Via Ateneo Salesiano, 81
00139 Roma

tel. +39 06872741
fax +39 0687132306

e-mail: dmanews1@cgfma.org

Diretora responsável

Mariagrazia Curti

Redação

Maria Helena Moreira
Gabiella Imperatore

Colaborações

Julia Arciniegas, Patrizia Bertagnini,
Mara Borsi, Maria Antonia Chinello,
Anna Rita Cristaino, Emilia Di
Massimo, Dora Eyllenstein, Palma
Lionetti, Anna Mariani, Maria
Perentaler, Maria Dolores Ruiz Pérez,
Debbie Ponsaran, Maria Rossi, Martha
Séide, Giuseppina Teruggi, Maria
Grazia Caputo, Caterina Cangia,
Mariano Diotto, Paolo Ondarza,
Giulia Paola di Nicola, Attilio Danese,
Consiglio generale FMA

Layout e gráfica

VICIS Srl

paginação e tipografia

VICIS Srl

V.le das Províncias, 37 - 00162 Roma

www.vicis.it

Edição Extracomercial

La revista **dma** è realizada sobre carta
ecológica certificada FSC, constituída de
pura celulose e.c.f. e por un elevado
conteúdo de fibras de recuperação (pelo
menos 5%).

na capa

foto arquivo das FMA

Associativa USPI

Unione Stampa
periódica italiana

SUMÁRIOIO

EDITORIAL 03

A Paz é o caminho

A paz como caminho

04

Cultura ecológica

Empenhar-nos por um
consumo sustentável

06

Fio de Ariadne

No ir, o peso da palavra

08

Dossiê

A profecia do ir

10

O caminho de Damasco

Acompanhar no retorno à fé

14

Horizonte família

As "pérolas" do amor

16

Laboratório Imagem



Mulher

Trabalho e família

18

Focus

O caminho com as jovens FMA

19

A voz dos jovens

A força do testemunho

22

Polifonia

Liderança e circularidade

24

Comunicar

Novos cenários e formas
de presença

26

Cinema

Envelhecer com graça...

Uma bela viagem

27

Literatura

Estive no inferno

29

Música

As startup e o mundo da música

31

Laboratório-imagem

A storytelling para imagens e a
sua força formativa

31

Camilla

Vida pontuada... vida feliz!!

34

Dossiê



A profecia do ir

O ano de 2017 da Revista DMA termina convidando-nos a entrar no coração da *Profecia do ir*. Nós já nos deixamos habitar pela *Profecia do contato*, da *fraternidade* e da *ternura*. Agora a nossa “*mochila profética*” está pronta para realizar esta viagem rumo aonde nos chama o Senhor da Vida, com a força do *ir* com Ele.

A *profecia do ir* evoca o Deus que caminha, que nos acompanha, que pisa o nosso solo e o conhece. Ele se faz companheiro e fica ao nosso lado. O chamado missionário nos solicita a *ir* e, enquanto caminhamos, sentimos arder o coração porque é um chamado habitado. Deus está conosco, não vamos sozinhos. É um *ir* em companhia da Trindade-comunhão. Este caminhar nos coloca na condição de estar “em saída” permanente, de aprender a acertar o passo no ritmo das pessoas e, enquanto se caminha, de buscar, juntos, o significado da Vida.

A *profecia do ir* coloca-nos na condição de partir e tornar a partir sempre “dos pés ao coração e do coração aos pés”. É um exercício existencial que procura dar um significado à Vida, ao chamado de Deus; a discernir uma missão. É *ir* ao encontro. É abraçar realidades inéditas e ocupar-se do outro. É viver atentas à complexidade da vida. Este *ir* pressupõe um movimento interior que leva a viver na mesma “*frequência*” de Deus, no mesmo *comprimento de onda*, sendo capazes de capturar a Sua mensagem de vida e caminhar no mesmo ritmo dos passos de Jesus, entre as pessoas do nosso tempo.

Apropriar-se desta profecia é deixar-se interrogar pela Vontade de Deus, pelos seus

chamados cotidianos, pelo sentido da própria vida. A *profecia do ir* nos coloca diante de duas realidades interconexas: o *caminho* e o *caminheiro*. O caminho “dialoga” com o caminheiro. É no caminho que podemos encontrar as razões da nossa fé e esperança, da responsabilidade social, do empenho para transformar o mundo. O caminho é o espaço-oportunidade de conviver com os outros, de coabitar realidades interculturais, de criar relações solidárias e de abrir-se a uma eterna aprendizagem.

Caminheiro e *caminho* tecem um relacionamento e o empenho de viver abertos à novidade de Deus, e a conduzir a existência, dedicados à humanidade. A força desta doação ao outro encontra sentido no Senhor que se proclama “Caminho, Verdade e Vida”. Iluminados pela verdade, que é Jesus, a vida se faz densa, bela, atraente, faz-se espaço para a encarnação do Verbo, no solo da contemporaneidade. Em companhia das outras pessoas, tornamo-nos peregrinos em direção à meta da nossa interioridade.

O peregrino precisa de tendas para as paradas, e a tenda que o acompanha é a habitação da Trindade. Este *Ir em companhia do amor do Pai, da presença do Filho e da luz do Espírito* nos transforma a cada passo, e nos sustenta nos caminhos evangélicos do nosso tempo.

Maria Helena Moreira
nhmoreira@cgfma.org

A paz como caminho

| Gabriella Imperatore, FMA
gimperatore@fma.org

“Jesus estava na ceia com os seus discípulos, a última ceia, e lhes disse: «Eu vo deixo a minha paz, eu vos dou a minha paz. Não vo-la dou como a dá o mundo» (Jo. 14, 27-31).

Diante do risco de se deixar encantar por uma «paz tranquila, artificial e anestesiada» - com tanto aviso para «não perturbar» - típica do mundo e que cada um pode fabricar para si, o Papa Francisco repropõe, em vez disso, a verdadeira essência da paz que nos dá Jesus: «uma paz real» porque enraizada na cruz, capaz de passar por muitas tribulações cotidianas da vida, entre sofrimentos e doenças.

A paz de Deus é uma paz real, entra na realidade da vida, não nega a vida. E a vida é assim: existe o sofrimento, a doenças e as guerras... A Paz não é tranquilidade.

Na vida cotidiana, quando nos irritamos e perdemos a paz, quando o nosso coração se perturba, é porque não estamos sendo capazes de viver a vida com suas cruzes e suas dores; não estamos sendo capazes de pedir a *graça da paz*.

O grande teólogo protestante **Dietrich Bonhoeffer** falava da «graça a alto preço». Talvez seja este o tempo de habituar-nos a pensar que também **a paz tem preços altíssimos**. Os preços baratos são suspeitos. Os descontos de estontear, induzem a acreditar que a mercadoria está avariada. As vendas fora da temporada conhecem a ambiguidade. E as tentadoras ofertas abaixo do custo, fazem pensar nos sucedâneos. A paz não é o prêmio fabuloso de uma loteria que se pode vencer com o mísero preço de um só bilhete. *Quem aposta na paz deve desembolsar dinheiro em moedas de lágrimas, de incompreensões e de sangue.*

■ A marcha pela paz

Diariamente, no mundo, milhões de pessoas põem-se a caminho para fugir da morte e do desespero. Hoje nós, muitos e diversos, caminhamos com eles para alcançarmos a Paz. A sua dor e a sua angústia são, de certo modo, também nossas, porque os sentimos próximos de nós, ouvimos o seu grito pedindo ajuda e queremos fazer alguma coisa, reagir, responder, proteger.

Para muitos parece inútil, sem resultado, enfrentar estes problemas com uma marcha em prol da paz e da fraternidade. Para muitos é apenas um outro modo de se retirar e ficar comodamente sentados no próprio jardim de privilégios e ilusões. A verdade é que nos sentimos em paz, enquanto a guerra persiste. Uma guerra verdadeira, mesmo se muito diferente daquelas do passado. Uma guerra mascarada de paz. Uma guerra combatida em grande parte por outras pessoas distantes de nós, que nos permite pensar em nossas coisas, em nossas vantagens, naquilo que nos interessa e nos convém.

De vez em quando uma foto, uma imagem, um atentado, uma tragédia, uma notícia que nos toca, e temos então um sobressalto de consciência, de envolvimento. Mas dura pouco. Cada um está interessado no que o envolve diretamente naquele momento.

Os fatos que causam um impacto por um período médio ou longo, ou que não nos envolvem imediatamente, são constantemente removidos ou cancelados de nossa agenda, por egoísmo, por indiferença ou por ignorância. Porque é diferente, a perspectiva, o modo de ver. Este é o momento para fechamentos. Não somente de fronteiras. Não levantamos mais a cabeça do fragmento de terra que pisamos. Fechamos os olhos sobre o mundo,

enquanto o mundo se torna sempre mais interconexo e interdependente. Fechamos os olhos sobre o futuro, porque continua a surpreender-nos e nos inquieta. Não há nada que possa competir com as coisas que nos ocupam ou preocupam, aqui e agora. Permanecemos escravos de um sistema midiático que acende e apaga as nossas atenções, com a mesma velocidade com que mudamos o canal da televisão.

Enquanto isso, os fatos se movimentam, se sucedem, se multiplicam, se complicam modificando rapidamente a realidade, perturbando as nossas convicções, obrigando-nos a lidar com problemas sempre mais difíceis e complexos.

Diante desta realidade esmagadora, participar de uma marcha pela paz e pela fraternidade quer dizer vencer a indiferença, a resignação, a desconfiança, recuperar a capacidade de pensar, de agir e não somente re-agir, de fazê-lo juntos e não sozinhos.

Não existe um caminho para a paz. A paz é o caminho” (Mahatma Gandhi)

Reconectar-nos com a dor do mundo, com a dor de todas as pessoas que estão agonizando pela fome, pela sede e pela falta de cuidados, daquelas que são agredidas pelas bombas, pelos desastres naturais, das que procuram escapar, das que perdem o seu trabalho e não conseguem encontrar outro, das mulheres abusadas, violentadas... tocamos a dor profunda da vida, porque ela nos torna mais humanos.

Acender os refletores sobre tantas coisas positivas que acontecem, as coisas simples que muitíssimas pessoas fazem sem esperar nada em troca, os muitos modos com os quais constrói-se a paz, os muitos passos pequenos cotidianos rumo a uma sociedade de paz.

Investir nos jovens e na formação pra que sejam cidadãos conscientes e responsáveis num mundo globalizado, interconexo e interdependente, em contínua e rápida mudança.

Fazer a paz no km 0. Aprender a construir a paz nas coisas que fazemos, nos lugares em que trabalhamos, em nossas comunidades e territórios: cuidar uns dos outros e cuidar do ambiente, lutar contra toda forma de violência e de exclusão social,

organizar-nos para acolher os que chegam de outros mundos, construir uma economia solidária... na convicção de que tudo o que fizermos pela paz em nós, em nossas comunidades e cidades, contribuirá para a construção da paz no mundo. É esta a esperança que cultivamos: **Caminhando Juntos, a paz é possível!**

A paz como caminho

Para dizer a verdade não estamos muito habituados a ligar o termo PAZ a conceitos dinâmicos. Raramente ouvimos dizer: “Aquele homem se cansa em paz”, “luta em paz”, “Rasga a vida com os dentes da paz”.

A paz, em suma, nos remete mais ao roupão do aposento do que à mochila do andarilho. Mais ao conforto da sala de estar do que aos perigos da estrada. Mais à lareira do que à oficina fervilhante de problemas. Mais ao silêncio do deserto do que ao tráfego da metrópole. Mais à penumbra recolhida de uma igreja do que a uma reunião de sindicato. Mais aos mistérios da noite do que aos rumores do meio-dia.

Faz-se necessária, talvez, uma revolução de mentalidades para entender que a paz não é uma concessão, mas uma conquista. Não um bem de consumo, mas o produto de um empenho. Não uma fita de partida, mas um letreiro de chegada.

A paz requer luta, sofrimento, tenacidade. Exige altos custos de incompreensão e de sacrifício. Rejeita a tentação do gozo. Não tolera atitudes sedentárias. Não anula o conflito. Não tem muito a compartilhar com a banal “vida pacífica”.

Sim, a paz antes de ser meta é caminho. E, mais, caminho em subida. Quer dizer então que tem suas tabelas de marcha e os seus ritmos, os seus percursos preferenciais e os seus tempos técnicos, as suas lentidões e as suas acelerações. Talvez, também, as suas paradas.

Se for assim, são necessárias esperas pacientes.

E será feliz, porque operador de paz não é quem pretende encontrar-se na chegada sem nunca ter partido, mas quem parte. Com a miragem de uma parada sempre alegremente vislumbrada, mesmo se nunca –sobre esta terra, entende-se – plenamente alcançada. (Dom Tonino Bello, de *Á janela da esperança*, Paulinas)

Em penhar-nos por um consumo sustentável

Ir. Júlia Arciniegas e Ir. Martha Séide
j.arciniegas@cgfma.org mseide@yahoo.com

O nosso planeta precisa ser respeitado e salvaguardado: nesta ótica, até 2030 é importante garantir modelos de consumo e produção sustentáveis, a utilização responsável dos recursos, a redução dos desperdícios e as substâncias químicas emitidas por grandes empresas multinacionais, implementando para este fim, políticas sustentáveis baseadas na reciclagem dos produtos.

■ O ODS 12: um objetivo crucial

Garantir modelos sustentáveis de produção e de consumo é o que se propõe o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) n. 12, em conexão com muitos outros temas da Agenda 2010, pelo que a sua plena realização pode representar um fator decisivo para a atualização do objetivo comum (<http://www.asvis.it/goal12/I-italia-e-il-goal/>).

A Organização para a cooperação e o desenvolvimento econômico (OCDE) considera o Objetivo 12, tanto no grupo do capital natural, juntamente com o clima, os oceanos e a biodiversidade, quanto no grupo do capital econômico, juntamente com a energia, a ocupação e as infra-estruturas. Além disso, a realização dos empenhos para os modelos de produção e consumo não pode ser enfrentada sem uma forte conexão com o Objetivo 4, a educação, sendo prevista no seu interno uma atividade específica para os cidadãos/consumidores, os jovens e as empresas.

■ Desperdício – Economia

Segundo a FAO, Organização das Nações Unidas para a alimentação e a agricultura, 32% do desperdício dos produtos agrícolas acontece durante a produção; 22% na colheita; 11% na transformação industrial; 13% no curso da distribuição e 22% pelo consumidor, em casa ou no restaurante.

Estes dados são confirmados pelos fatos e nas cifras trazidas pelo ODS 12.

A cada ano, por exemplo, cerca de um terço do alimento produzido, correspondente a 1,3 bilhões de toneladas, no valor de um trilhão de dólares, acaba no lixo, ou estraga por causa dos sistemas de transporte ou das práticas agrícolas inadequadas. Não obstante, dois bilhões de pessoas no mundo são obesas ou estão acima do peso, sem levar em conta que o consumo excessivo de alimento produz efeitos danosos para a saúde e para o ambiente.

Os progressos tecnológicos têm promovido um aumento de eficiência energética, no entanto o uso da energia nos países OCDE continuará a crescer mais 35% até 2020. A utilização energética das atividades comerciais e das habitações é o segundo setor, depois dos transportes, para o crescimento do emprego da energia.

Se a população mundial utilizasse lâmpadas para a poupança de energia, seriam economizados 120 milhões de dólares ao ano. E se ela alcançasse 9,6 bilhões ao ano até o ano 2050, serviriam três planetas para satisfazer a demanda de recursos naturais necessários para sustentar os estilos de vida atuais.

« Somente partindo do cultivo de sólidas virtudes é possível a doação de si em um empenho ecológico » (LS 211)

■ Consumo e produção sustentáveis

O conceito de “modelos de produção e consumo sustentáveis” não é novo no debate internacional, dado que por várias décadas a importância de agir do lado da produção, reduzindo ao mínimo o uso dos recursos naturais, e do lado do consumo, sensibilizando os cidadãos a formas de consumo responsáveis. Assim também este modelo implica a garantia do acesso aos serviços de base, a trabalhos dignos e respeitosos do ambiente, e a uma melhor qualidade de vida para todos. A sua atuação contribui para a realização dos planos globais de desenvolvimento, a redução dos futuros custos econômicos, ambientais e sociais, a melhoria da competitividade econômica e a redução da pobreza.

O ODS 12 indica claramente que a realização do desenvolvimento sustentável requer mudar o modo de produzir e

consumir, reduzindo a pegada ecológica, melhorando a eficiência dos recursos naturais, eliminando de modo apropriado o lixo tóxico. Igualmente importante, porém, é encorajar as indústrias, as empresas e os consumidores a reciclar e reduzir os desperdícios e, progressivamente, perseguir a transição rumo à economia circular.

■ Fazer mais e melhor com menos

O ritmo do consumo, do desperdício e da alteração ambiental superou as possibilidades do planeta, de modo tal que o estilo de vida atual, sendo insustentável, resulta somente em catástrofes, como de fato já está acontecendo periodicamente em diversas regiões. A atenuação dos efeitos do atual desequilíbrio depende do que fazemos agora, pensando, sobretudo, na responsabilidade que nos atribuíram aqueles que deverão suportar as piores consequências (LS, 161).

O consumo e a produção sustentável apontam para “fazer mais e melhor com menos”, aumentando os benefícios em termos de bem-estar extraídos das atividades econômicas, por meio da redução do emprego de recursos, da deterioração e da poluição em todo o ciclo produtivo, melhorando assim a qualidade de todo o ciclo de produção, melhorando assim a qualidade de vida (cf <http://www.monolitedigitale.it/agenda-2030-onu/obiettivo-12-garantire-modelli-sostenibili-produzione-consumo/>).

São múltiplos, portanto, os objetivos individuais em torno do ODS 12, cuja realização implica, em primeiro lugar, a atuação da *Estrutura de Dez anos de Programas de Consumo e Produção Sustentáveis*, tornando participantes todos os Países, também aqueles em via de desenvolvimento.

Nesta linha torna-se necessário realizar até 2020, uma segura gestão ambiental dos produtos químicos e do lixo por meio do seu ciclo de vida, segundo normas internacionais, e reduzir substancialmente o derramamento deles no ar, na água e no terreno, com a finalidade de limitar o seu impacto negativo na saúde humana e no ambiente.

O que se requer é encorajar as empresas, em particular as multinacionais, a adotarem práticas sustentáveis e integrá-las nos seus relatórios periódicos. Até o ano 2030, além disso, é preciso garantir que cada ser

humano adquira a consciência do desenvolvimento sustentável e dos estilos de vida que estão em harmonia com a natureza.

«Que a nossa época possa ser lembrada pelo despertar de um renovado respeito à vida, pela determinação em alcançar a sustentabilidade, pela aceleração da luta em prol da justiça e da paz, e pela alegre celebração da vida» *Carta da Terra* (LS 208).

■ Educar ao consumo sustentável

Além dos empregos em nível político, institucional em nível global, é urgente projetar de modo estratégico, uma verdadeira e própria educação à economia e ao consumo sustentável. Tal percurso formativo deveria permitir às novas gerações adquirir os instrumentos necessários para colocar-se de modo crítico na realidade dominada pelas lógicas do mercado. De fato, todos nós temos o empenho de respeitar a criação porque, somos todos responsáveis pela situação ética, social e ecologicamente insustentável em que vive o nosso planeta. Portanto, todos são chamados a empenhar-se para inverter a tendência atual dos consumos (LS 206). Neste contexto, é urgente formar «educadores capazes de restabelecer os itinerários pedagógicos de uma ética ecológica, de modo que ajudem efetivamente a crescer na solidariedade, na responsabilidade e no cuidado baseado na compaixão» (LS 210).

Educar à economia e ao consumo sustentável é, em certo sentido, recuperar o valor da cidadania responsável para acompanhar os jovens a fazerem escolhas conscientes relativamente às necessidades reais e não induzidas, aos serviços e produtos necessários e não supérfluos. Trata-se de agir sobre múltiplos planos para orientar na direção de um estilo de vida sustentável: por exemplo, aplicar a regra dos “5 R” do Decreto Ronchi: recolher, reciclar, recusar, reduzir e recuperar; passar da filosofia do ter à do ser, para uma renovação em profundidade dos falsos valores que regem as nossas sociedades (Angelini A. Pizzuto P., *Manual de ecologia, sustentabilidade e educação ambiental*, 2007). Por outro lado é urgente recuperar a ética do essencial e do cuidado que nos faz

experimentar que tudo «faz parte de uma criatividade generosa e dignitosa, que mostra o melhor do ser humano» (LS 211). Eis porque o ODS 4, que convida a garantir uma educação de qualidade para todos, é transversal e fundamental para alcançar o Objetivo da Agenda 2010 ao desenvolvimento sustentável.

PRIMEIRO PLANO *Fio de Ariadne*

No ato de ir, o peso das palavras

Maria Rossi

Rossi_maria@libero.it

O ir é, de certa forma, uma metáfora da vida: “este ir e vir, este lento morrer, este eterno voltar como as ondas do mar”. No ir nós nos nutrimos de pão e de palavras. Quando pensamos no nosso passado ou nos encontramos em qualquer circunstância que no-lo recorda, podemos sentir ainda dentro de nós, muitas vezes também com a mesma tonalidade, as palavras que nos alimentaram, deram asas e abriram horizontes de esperança e de beleza, como também aquelas que nos feriram, nos revoltaram e nos obrigaram a marcar o passo.

A palavra é o que nos diversifica dos animais, nos humaniza. Diante de algumas atitudes dos animais, especialmente dos cães, diz-se que só faltam falar. O humano é o ser falante. Lacan “indica no ‘mistério do corpo falante’ a nossa dimensão mais autêntica”.

O ser humano é feito para sair de si, para se comunicar: tem necessidade, desejo e sente saudade da comunicação. Entre as várias modalidades de entrar em contato com as pessoas, uma das mais utilizadas é ‘dirigir a palavra’. Com a palavra pode-se estabelecer um relacionamento interpessoal positivo, mas também, desgastá-lo e derrubá-lo. A palavra tem um poder enorme:

pode criar e destruir, confortar e angustiar, curar e fazer adoecer. Pode ser usada com uma ampla gama de modalidades e, também, de tonalidades. O falar pode ser um simples, inócuo e também agradável bate-papo, um passa-tempo: pode ser uma banal repetição ou uma desagradável lamentação; uma fofoca, uma murmuração bajuladora, uma calúnia, uma peremptória imposição, uma devastadora agressão; **mas pode ser também um dom** de compreensão, de ternura, de conforto, de apoio, de estímulo ao bem, de esclarecimento, de ensinamento, de agradável e alegre criatividade, de profética abertura àquela esperança que dá sabor e sentido à vida, e que permite vislumbrar a Vida.

Na cotidianidade da convivência nas famílias e nas comunidades, pode-se experimentar todas as modalidades e tonalidades de vida, mesmo se geralmente predominam as de apoio, de conforto e de conselho. Às vezes, porém, parece que prevalecem: a banal e chata repetitividade, o lamento com a tonalidade da exigência, a imposição para fazer ou não fazer determinada coisa, o pôr em evidência fatos de crônica negra. Talvez seja apenas um fato circunscrito ao contexto em que vivo, mas, ultimamente, o lamento me parece ter se tornado o núcleo de cada conversa, uma epidemia. Lamenta-se porque os outros, mesmo estando em situação de bem estar, se lamentam e isso sem levar em conta que se está fazendo a mesma coisa. Sobretudo, é deprimente para quem escuta e não pode intervir como gostaria, para não causar danos.

STOPPA Francisco, *A costela perdida. Os recursos do feminino e a construção do humano, Vida e Pensamento, Milão 2017, p. 54.*

Na *Amoris Laetitia*, o Papa Francisco, falando da comunidade familiar, diz que quando se quer que a palavra, o diálogo se tornem dom, comunicação, e não percam o seu valor com conversas desagradáveis e inconsistentes “**é preciso ter algo para dizer e isso requer uma riqueza interior que se alimenta na leitura, na reflexão pessoal, na oração e na abertura à sociedade**” (AL 141).

As sugestões que em seguida são propostas, estão estreitamente ligadas. A

leitura, cada leitura, pode enriquecer interiormente; também a leitura de Autores que pensam de modo diverso. O confronto sereno, crítico e privado de preconceitos, com o “diferente”, abre a mente, permite romper barreiras e “sair” de velhos esquemas culturais excludentes, torna prudentes, conscientes de não possuir toda a verdade, respeitosos com os “diferentes” e mais sábios ao dirigir-lhes a palavra.

A **leitura** por excelência, aquela que mais alimenta a vida interior e potencializa a capacidade de compreender o que tem valor, e de orientar em meio a tantas perspectivas atraentes e lisonjeiras, é, sobretudo para os cristãos e cristãs, a Palavra. O enriquecimento interior depende muito do modo como se aborda a leitura. Ler para encontrar luz às próprias dúvidas, orientar-se nas escolhas, dar alimento à vida, é importante; e, também, fazê-lo por passatempo, estudo, informação, pode oferecer motivos de reflexão e *flash* de luz.

Podem tornar-se ótimas ocasiões de reflexão pessoal e de meditação, alguns eventos como um nascimento, uma morte, um cataclisma. Muito úteis para o enriquecimento interior são, também, a abertura social e os encontros de formação, de estudo, de amizade, de oração; o confronto com quem aprofundou um determinado argumento, com quem viveu experiências semelhantes às próprias ou diferentes, com quem encontrou alguma solução ou com quem a busca, é sempre importante.

A **reflexão**, a **meditação**, o **confronto** são meios necessários para ir além da superfície, encontrar algum *flash* de luz e de verdade sobre os eventos e sobre si mesmos, para unificar-se, dar sentido à própria existência e encontrar “algo para dizer” aos outros. Tudo isso requer tempo e espaços de silêncio, hoje difíceis a serem encontrados, mas ainda possíveis.

No âmbito da psicologia oficial, acena-se à importância de frequentar cursos de formação com relação à meditação, sobretudo no âmbito do esporte. E, o autêntico esporte é, em parte, um paradigma de vida.

A cultura atual privilegia a atividade, a eficiência, a velocidade, a acriticidade, a passividade e, também, uma certa estupidez.

As inovações tecnológicas, embora muito úteis e importantes, com os rumores e as

luzes do progresso, diminuíram e diminuem sempre mais os tempos e os espaços do silêncio e da noite. A noite, símbolo da obscuridade, do indistinto, da angústia, do engano, da morte, o é também do silêncio, do repouso reastaurador, das gestações: é a preparação à chegada da aurora, da luz, da vida. O Natal, nascimento do Verbo, da Palavra, celebra-se em dezembro, em uma das noites mais escuras e longas. As palavras que nascem do doloroso trabalho de noites longas e escuras podem ser negras como as trevas, mas, com mais frequência ter a densidade da luz e o estupor da aurora.

Os rumores que mais impedem o enriquecimento interior são as excessivas preocupações, os ciúmes, as invejas, a dificuldade para elaborar e superar o sofrimento, a raiva e o rancor pelos erros, as ofensas e as humilhações sofridas. Se estes sentimentos se deixam sedimentar na alma, não trazem a paz, fazem um grande *rumor*, enchem tempos e espaços para ruminar vinganças, e colorem as palavras com um triste e venenoso rancor.

Desde que o mundo é mundo, as dificuldades, mesmo com aspectos diversos segundo os contextos, as épocas e as culturas, sempre foram assim e, provavelmente, continuarão a ser até que haja vida e a história tiver feito o seu percurso. São inerentes e conaturais aos limites próprios do ser humano. E, assim como os nossos pais que, com menos possibilidades sobreviveram dignitosa e também nós possamos sobreviver com dignidade.

Os estudos sobre a *resiliência*, “a capacidade de extrair das adversidades encontradas até mesmo uma potencialização dos recursos pessoais”, por meio de dados científicos documentados, evidenciaram como as pessoas são dotadas de mais recursos e energias do que pensam.

Meringolo Patrizia, Chiodini Moira, Nardone Giorgio, *A resiliência. Quando o ser humano extrai força das suas desventuras, em Psicologia contemporânea*, maio-junho de 2017, p. 32.

Como eu acenei em algumas reflexões precedentes, as potencialidades de que somos dotadas, tornam-se eficientes e eficazes somente por meio de um constante treinamento, feito, não tanto pelo dever de obedecer a uma regra, quanto por escolha pessoal.

Os recursos pessoais treinados, alimentados e enriquecidos pela leitura, pela reflexão, pela meditação e pelo confronto com outras pessoas, podem ajudar a vencer a tentação do *deixar ir* e do *acreditar saber tudo*, e a colocar-se na condição de superar as dificuldades que a vida apresenta, incluídas aquelas criadas pelos *rumores*, mesmo se muito dolorosas e difíceis de serem elaboradas.

Se depois, por meio da meditação profunda, a Palavra encontra morada nos profundos silêncios da alma, então cura, purifica e potencializa os recursos pessoais. As palavras que daqui nascem e que são oferecidas a quem se aproxima ao longo dos dias ou que, amplificadas pelas novas tecnologias alcançam os que estão distantes, tornam-se palavras proféticas vivas que eliminam e enchem de sentido, confortam, curam e salvam. Portadoras desta força luminosa, não são as prédicas comuns impregnadas de moralismo e centradas no “dever ser”, podem ser também as mais simples palavras de reconhecimento e de saudação, como um intenso e afetuoso “tchau”.

DOSSIÊ

A profecia do ir

■ **Maria Helena Moreira, FMA**
mhmoreira@cgfma.org

Habitar o mundo no sinal do encontro real e da conversa nos dias úteis, nos lugares cotidianos onde a vida se gasta com coragem e audácia. Encontrar homens e mulheres no decorrer do dia no trabalho, nos afãs, nos afetos, nos desejos e sonhos.

“Em saída” por estradas inéditas com o poder alegre da Boa-Nova do Evangelho.

■ O convite a “sair”

O nosso tempo é caracterizado por um processo de mudança profundo e contínuo do qual, com fadiga, chega-se a definir as características. Um tempo de grande complexidade em que se multiplicam as visões da vida, diferente é o modo de pensar a pessoa, a família, a amizade, o amor, o trabalho; são múltiplas as experiências e as possibilidades. Conseqüentemente, a fragmentação e a dispersão, o individualismo tornam frágeis as relações. Diante de tudo isso não é possível renunciar a interrogar-se sobre o hoje de Deus, sobre as oportunidades e sobre os problemas postos à missão da Igreja no tempo em que vivemos, e das mutações que o caracterizam. Somos chamados à fadiga e à alegria da escuta na cultura do nosso tempo, para discernirmos nela os traços da presença de Deus e a renovar o **mandato missionário**, fundamento da vida da Igreja e da vocação de cada crente ou consagrado.

A alegria de redescobrir o Evangelho, isto é Jesus Cristo, aquele que dá a vida e sentido verdadeiro à existência, nos impele a “sair”. Para o Papa Francisco o significado desta “saída” é geográfico e existencial, ao mesmo tempo. É um *ir* em direção a outros sujeitos, culturas, povos, aos empobrecidos, aos descartados, os desesperados, aos falidos. É também um sair de si mesmos, um êxodo existencial, que pede para abandonar a própria autorreferência, as próprias comodidades, as próprias certezas e as visões muito rígidas, as estruturas pesadas e embaraçosas que “engaiolam” Jesus e o seu Evangelho, e não permitem um anúncio autêntico, mas somente uma exposição doutrinal que não questiona a vida real. O ato de “sair”, coloca-nos em “êxodo”, quase nômades itinerantes com Jesus em caminho nas estradas do mundo, para doar a todos a “alegria libertadora do Evangelho” que nos mudou por dentro e nos muda continuamente.

A iniciativa de “sair” não é nossa, é de Deus, porque somos chamados a sair e a caminhar segundo a sua Palavra, os seus critérios, os seus dinamismos, e não os nossos. Na Bíblia, *Abraão* aceita partir para uma nova terra; *Moisés* é enviado a libertar o

povo da escravidão, para fazê-lo entrar como povo livre, na terra prometida; os *setenta e dois discípulos* são enviados por Jesus em sobriedade, e sem poder; Jesus mesmo é conduzido pelo Espírito a *ir* sempre alhures, rumo a outros vilarejos. Todos são chamados a esta “saída” missionária, conscientes de que a Palavra que semeiam e anunciam tem uma eficácia própria que vai além dos esquemas humanos e dos lugares comuns, para discernir qual é o caminho que o Senhor lhes pede.

■ **Ruth: a estrangeira**

Ruth é um exemplo para todos aqueles que, como ela, têm a coragem de deixar sua terra, sua casa, sua parentela e seguir a “doçura” da guia fraterna (Naomi) rumo à salvação, pelos caminhos do sofrimento e da amargura. A escolha de Ruth é de uma heróica fidelidade e piedade, a sua decisão implica o abandono do próprio povo e a adesão a um povo estrangeiro.

Ruth – cujo nome significa «a amiga» - realiza, com Naomi, uma viagem não sua. Deixa os pais e tudo aquilo que possui, em Moab, cumprindo um voto de amor e de fé: não é, de fato, movida por vozes proféticas, nem foi enviada por um mensageiro de Deus. Simplesmente, sente que tem uma missão.

Ruth é a *mulher* acolhedora, empreendedora e corajosa, trabalhadora incansável. Pobre, viúva, indefesa e estrangeira, distingue-se pelos méritos pessoais que lhe permitem adquirir uma cidadania e um reconhecimento social ‘honoris causa’.

«*Ide por todo o mundo e proclamai o Evangelho a toda criatura*» (Mc 16, 15). «*Sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e na Samaria, e até os confins da terra*» (At 1, 8).

É o mandato missionário que o Ressuscitado deixa aos seus discípulos e é dirigido a todo discípulo, em todo tempo.

«*Eu sou uma missão sobre esta terra, e por isso em contro-me neste mundo*»

■ **O “estilo” de uma igreja “em saída”**

«*Jesus percorria todas as cidades e aldeias ensinando nas sinagogas, pregando e Evangelho do Reino e curando toda doença e enfermidade. Vendo a multidão sentiu compaixão*» (Mt 9, 35-36).

Olhar para Cristo, o missionário do Pai, a fim de anunciar segundo o seu estilo: um modo de ser, de agir, de proceder conforme o Evangelho que se anuncia; ser evangelizadores confiáveis para anunciar Jesus, que mudou a nossa vida.

Jesus gasta muito mais tempo com os seus discípulos para educá-los a um estilo de vida simples, sóbrio, sem poder, pacífico, acolhedor, compassivo, profético... do que para ensinar-lhes todos os conteúdos do Kerigma. É preciso entrar, então, na tríplice *dinâmica do ver, comover-se e agir*, atitudes que marcaram a vida e a missão de Jesus. **Ver** significa estar atentos ao que acontece no mundo, abertos à realidade que nos circunda para descobrir a passagem de Deus na história. **Comover-se** é viver com vísceras de misericórdia, próximos de quem é pequeno e necessitado - «*desembarcando viu muitas multidões e se comoveu*» (Mc 6, 34). **Agir** é acender a esperança e narrar a salvação.

“Em saída”, escancarando as *portas* que não são somente as da Igreja, mas as das residências, das acomodações na vida cotidiana onde a gente fica e torna a partir. O Evangelho está aqui em meio aos medos dos pobres, nos encontros entre amigos onde trocam confidências e preocupações, nos colóquios que nascem por acaso.

O que significa para as nossas comunidades educativas, e para cada um de nós, fazer parte de uma Igreja em saída?

Tomar a iniciativa, ir ao encontro, procurar os dafastados para oferecer vida, solidariedade, direitos, envolver-se, entrar em simpatia e em empatia, abaixar-se, ajoelhar-se, encurtar as distâncias; acompanhar com paciência todas as fases e as situações da vida da humanidade; dar frutos de vida nova e cuidar, manifestar através da vida, toda a energia libertadora da Palavra; festejar e celebrar cada passo dado na evangelização e na oferta do amor de Deus, para « tornar o mundo mais humano » (GS 40).

■ **Anunciar, testemunhar, servir**

“Somos marcados pelo carisma educativo, identificamo-nos com a predileção de Jesus pelos jovens pobres e pequenos, com a atitude do Bom Pastor, com a solicitude de escutar, amar, socorrer e servir. Jesus Cristo, mandado pelo Pai, é o nosso modelo de ação apostólica e missionária” (cf C 26)

Qual é a nossa missão possível? O amor à Igreja se traduz em uma atitude de escuta, de fidelidade e de serviço atento e premuroso a ela. Estar “em caminho” exprime-se na abertura às necessidades da Igreja e do mundo, com coração e mentalidade missionária.

O Papa Francisco escreve na *Evangelii Gaudium* (n. 273): «É preciso considerarmos-nos como que marcados a fogo por esta missão de iluminar, abençoar, vivificar, levantar, curar, libertar».

E para delinear a própria vida como missão é preciso absolutamente esforçar-se para passar da cultura do *eu* à cultura do *nós* decidindo “no profundo, ser com os outros” e para os outros. Somos chamados a ser luz e bênção, vida e libertação para os outros. A exemplo de Cristo que “passou por toda parte fazendo o bem” (At 10, 38).

■ Com as periferias do coração

O convite a mudar de mentalidade, a realizar uma conversão pastoral, foi uma escolha do CG XXIII. Reencontrar o carisma das origens dos Fundadores, os quais não tinham medo de sair pelas estradas para anunciar o Senhor; revestir-se de novo impulso missionário, da coragem que não recua diante das dificuldades, de tenacidade na realização da missão que Deus confia a cada comunidade educativa. «Fora da porta e ao longo do rio», lê-se na *Carta aos consagrados e consagradas “Anunciai”*. Estar presentes nas «situações de miséria e de opressão, de dúvida e de desconforto, de medo e de solidão, manifestando que a ternura de Deus não tem limites». Tudo isso requer energia, oração, sacrifício e firmeza, para que a “periferia” não seja apenas uma palavra abstrata, mas sim uma realidade cotidiana em que, a cada momento, a própria vocação se verifica. *Alargar o olhar*, missionárias de alegria e de esperança, ir além, sem medo, prontos a colaborar com cadaser humano de boa vontade, para que a Palavra chegue até os confins da terra, para que, a todos, sejam garantidos dignidade humana e direitos, todos sejam libertados da humilhação e das situações de descarte, e da marginalização, do preconceito, da indiferença e injustiça, que condenam sem apelo.

Trata-se, na prática, de encontrar novas modalidades para caminhar com os pobres, os mais necessitados, acompanhando-os na

sua cotidianidade. «Estar na periferia ajuda a ver e a entender melhor» (Papa Francisco). Olhando para o mundo a partir das periferias encontra-se a coragem de enfrentar novos desafios, experimentando soluções e lógicas diferentes.

O olho é chamado a ver as periferias, e o coração a mergulhar nelas: «Aceitar o risco de novos destinatários (do Evangelho), não escolhidos por conveniência, mas explorando com audácia e compaixão, com genialidade sempre renovada, as novas periferias» (EG n. 76)

O caminho com os pobres garante um humanismo integral e solidário e está vinculado a um agir não violento, no contexto da família de hoje, e nas renovadas tarefas educativas. As novas fronteiras são geográficas, culturais, sociais, existenciais, e requerem capacidade de acolhida e cordial abertura ao diálogo ecumênico e inter-religioso, sabendo que não estaremos isentos da tribulação, e que a luta contra o mal se renova a cada dia. A esperança é mais forte. Ela é generativa e adere com alegria àquilo que o Espírito está realizando hoje, também no nosso Instituto.

■ Nas fronteiras educativas

A reflexão sobre a antropologia contemporânea é um desafio profético para toda a Igreja. Requer inteligência, paixão, intuição e uma renovada responsabilidade educativa, capaz de oferecer espaços nos quais se experimente o valor da amizade; formar para a afetividade e desenvolver uma relação fundante com o mistério de Deus. Exige encontrar novos caminhos e convergência educativa dentro da pluralidade das situações, perceber novas bases para a acolhida da fé, a promoção humana e cultural e, onde as condições o permitirem, para o anúncio explícito de Jesus, o respeito e o diálogo ecumênico e inter-religioso.

O CG XXIII lembra a nossa missão de sair para as periferias juvenis. São os pobres de Dom Bosco e de Madre Mazzarello que, ontem como hoje, apresentam-se como migrantes, pessoas em busca de asilo, de pão, de trabalho, de dignidade e de sentido para a vida. “As novas fronteiras da missão requerem uma mudança de mentalidade para servir o Evangelho em todo o seu frescor e força de atração. Somos chamadas a abrir novos caminhos para “ir” aos jovens e *com eles*, aos pobres Por diversos motivos nos

encontramos na impossibilidade de continuar algumas obras tradicionais, que foram muito fecundas em outros tempos. Acolhemos este desafio como uma oportunidade providencial para inventar novos caminhos, valorizando a força criativa do nosso carisma. É necessária muita oração para saber interpretar os novos desafios, discernir e compartilhar, não apenas como comunidades, mas com outros grupos da Família salesiana, da Igreja, e com outras congregações religiosas. Ocorre despertar, em nível pessoal e comunitário, uma nova paixão pela construção do Reino de Deus. Sem paixão é impossível abrir caminhos novos que exigem audácia e capacidade de arriscar. O nosso empenho é permanecer fiéis ao chamado recebido e crescer no amor, no dom, na criatividade para sermos hoje *“profrecia, proximidade, esperança”* (Cf Circ. 965).

De modo as nossas comunidades educativas são missionárias da Palavra, prontas para sair de casa e abrir estradas de esperança e de amor?

■ Caminhando

Vai-se onde vai o Senhor, em quem temos a nossa morada; estando n’Ele, como seus discípulos, somos conduzidos por Ele... Os “lugares” em que o dinamismo evangelizador se implanta são a casa e as estradas, o trabalho, qualquer lugar (EG 127). Em particular, as estradas e as casas dos outros assumem um valor decididamente denso pois aludem ao diálogo que a Igreja dos discípulos-missionários é chamada a buscar e a praticar com os demais; trata-se do diálogo com todos. Retorna-se de cada viagem com a lembrança de alguém, mais do que de alguma coisa. Tem-se o conhecimento de diversos lugares por meio dos relatos de homens e mulheres encontrados ao longo do caminho; com os olhos da memória veem-se mais facilmente as expressões dos seus rostos, do que a beleza de tantas paisagens. E muitos deles se tornam amigos, criando um liame e motivando outras partidas com o desejo de revê-los para continuar a manter viva a paixão que nos confraterniza: *“da mihi animas”* e *“a Ti as confio!”*

“De cada viagem se retorna com a lembrança de alguém, mais do que de alguma coisa”

■ Compartilhar a viagem

Um poeta francês – **Charles Péguy** – afirma poeticamente que Deus não se admira tanto diante da fé dos seres humanos, e nem mesmo da sua caridade; mas, o que realmente o enche de admiração e comoção é a sua esperança: *«Que aqueles pobres filhos – escreve – vejam como vão as coisas e que acreditem que o amanhã será melhor»*. A imagem do poeta lembra os rostos de tanta gente que transitou por este mundo – camponeses, pobres operários, migrantes em busca de um futuro melhor – que lutou tenazmente não obstante a amargura de um hoje difícil, pleno de tantas provações, animada porém pela confiança de que os filhos teriam uma vida mais justa e mais serena. Lutavam pelos filhos, lutavam na esperança.

A esperança é o estímulo no coração de quem parte deixando a casa, a terra, às vezes familiares e parentes – penso nos migrantes – pra procurar uma vida melhor, mais digna para si e para os seus caros. É também o estímulo no coração de quem acolhe: o desejo de encontrar-se, de conhecer-se, de dialogar... A esperança e o estímulo para “compartilhar a viagem”, porque a viagem se faz em dois: aquele que vem à nossa terra, e nós que vamos rumo ao seu coração, para compreendê-los, para entender a sua cultura, a sua língua. É uma viagem a dois, mas sem esperança aquela viagem não pode ser feita. A esperança é o estímulo para compartilhar a viagem da vida. Não tenhamos medo! Não tenhamos medo de compartilhar a esperança!

“Caminheiro, o caminho não é outra coisa senão as pegadas dos teus passos. Caminheiro, não existe caminho, o caminho se faz caminhando”
(Antônio Machado).

Caminhando
se aprende a vida,
caminhando,
se conhecem as coisas,
caminhando
se curam as feridas do dia anterior.
Caminha
olhando uma estrela,
escutando uma voz,
seguindo as pegadas de outros passos.

Caminha
procurando a vida,
curando as feridas
deixadas pelas dores.
Nada pode cancelar a lembrança
do caminho percorrido. (Rubén Blades)

EM BUSCA *O Caminho de Damasco*

No retorno à fé, fazer o acompanhamento

Mara Borsi
mara@fmails.it

A situação atual da Igreja exige a criação de espaços nos quais os homens e as mulheres possam aderir ao Deus de Jesus Cristo livremente, acompanhados na sua busca, com espírito de condescendência e de abertura. A própria Igreja tem necessidade dos que vêm de fora para fazer-se “nova” e capaz de «ser sinal e instrumento» do Reino de Deus, no mundo de hoje. Os espaços novos de busca da fé não são somente para o anúncio adequado do Evangelho, mas também para renovar a vida, muitas vezes rotineira, das nossas comunidades. A experiência ensina que nas comunidades, o ingresso de novos crentes tem sempre produzido aberturas e progressos que diversamente não teriam acontecido.

O encontro com as pessoas que se questionam, desejam recomeçar a crer em Jesus e a viver a experiência eclesial, interpela a comunidade educativa a cuidar particularmente da qualidade da acolhida e da escuta: frequentemente é o primeiro contato vivo com a Igreja, depois de anos de afastamento e de «ouvir dizer», a ser determinante para o caminho de retomada dos “reiniciantes”.

A primeira impressão, muitas vezes, perdura longamente e condiciona cada aproximação sucessiva. É preciso fazer com

que a linguagem seja imediata e espontânea, sem falso brilho ou legalismos complicados.

O anúncio da fé, para quem recomeça desde o princípio, requer a atenção à linguagem para evitar exprimir-se em termos obsoletos ou incompreensíveis à cultura de hoje. No contexto contemporâneo não são mais acolhidas as motivações negativas (renúncias, florzinhas), e as razões muito teóricas não convencem (é preciso levar em conta também os sentimentos e as múltiplas experiências de vida); o mesmo para as relações anônimas nas quais cada um permanece em sua carapaça de indiferença.

Para que um adulto possa amadurecer decisões convictas é preciso tempo, não basta escutar uma prédica, mesmo se bem feita. Não são suficientes três ou quatro encontros durante a Quaresma, nem um breve curso de teologia ou de Bíblia, mesmo se conduzido por especialistas e de modo incisivo. Quando se quer que a fé cristã penetre nas pregas da vida cotidiana é necessário dar tempo para que isso aconteça.

Tempo e percurso referem-se a pessoas dedicadas a este tipo de amadurecimento.

■ Acompanhar a busca

Quem acompanha os homens e as mulheres que estão em busca, é uma pessoa de fé que olha com respeito para a pessoa e se deixa enriquecer pela sua experiência, sem julgar a sua intimidade ou o seu mistério profundo. Sabe fazer-se interlocutora, testemunha e sabe gastar tempo para entrar na vida do outro, vivendo com ele, ou ela, experiências concretas, caminhando ao seu lado, no seu ritmo, responsabilizando-se pela pessoa dependente e, ao mesmo tempo, deixando-a livre.

Uma pessoa que compartilha a vida em todos os seus aspectos (afetivo, físico, intelectual, profissional, espiritual...), descobrindo no outro as potencialidades positivas e ajudando-o a expressar os seus desejos e as suas aspirações profundas.

O acompanhante é um amigo e caminha ao lado, estimulando a buscar, e indicando os passos a serem dados juntos.

Acompanhar um adulto rumo à fé cristã é mais um estilo do que uma tarefa: o acompanhamento, mais do que nas coisas que são ditas, está no modo como elas são ditas: no momento oportuno, alavancando

motivações adaptadas ao interlocutor, conhecendo bem o seu modo de senti-las e de acolhê-las.

O acompanhamento não está tanto nas reuniões que se consegue conduzir com clareza e eficiência (como um bom animador é capaz de fazer), quanto, ao contrário e sobretudo, na relação pessoal que, para além das reuniões se estabelece apoiando a busca de uma nova relação com Cristo e com a Igreja.

O acompanhamento não está somente no jeito com que se tratam as pessoas, está, sobretudo, na capacidade de ajudar o interlocutor a perceber a fé com o coração, e a expressá-la no seu universo cultural e pessoal.

O acompanhante, enquanto faz o caminho rumo à fé junto com alguém, também ele se transforma: não é mais a pessoa de antes, é diferente, porque a partilha e a amizade o modificaram.

É assim também para uma comunidade que se empenha em acompanhar e tem a capacidade para isso: no exercício do acompanhamento transforma-se tornando-se outra, diferente do que era no início. De fato, cada comunidade tem o rosto concreto das pessoas com as quais é formada, encarnando a fé e a vida cristã em uma particular cultura, em uma particular sensibilidade, com uma particular tonalidade.

O acompanhamento dos reiniciantes é um serviço novo, exigido pela situação missionária da Igreja “em saída”. Daqui a necessidade de romper os esquemas habituais traçando novos percursos, estabelecendo horários não usuais, entrando na vida do outro com doçura, pedindo hospedagem na sua existência, abrindo juntos a Bíblia como o livro de Vida, de oração, de busca; revelando a celebração cristã, na qual trazemos a vida, aprendendo a distinguir a linguagem nos sinais e nas referências à tradição eclesial; vivendo a caridade, nos gestos concretos de cada dia: porque a caridade de Cristo impele a socorrer com amor cada homem ou mulher dos quais atravessamos o caminho, mesmo apenas por um instante.

Se o empenho da pastoral hoje é “formar os cristãos” a partir da situação de fragmentação religiosa contemporânea, à comunidade educativa é pedido para se tornar “lugar possível” no qual ao desejo de acompanhar corresponde a disponibilidade

de colocar-se em discussão e, acima de tudo, fazer-se “companhia testemunhal” de uma busca e de um encontro com aquele Cristo que – somente Ele – salva a vida.

Um coração inquieto sedento de infinito

95 anos e senti-los apenas.

Ir. Maria Oia Giudici permanece um vulcão de energia, não obstante a idade, e continua a transmitir aos jovens e a todas as pessoas que alcançam San Biagio (Subiaco, Itália), o entusiasmo por Deus e por uma vida vivida com intensidade e paixão. Com as outras Irmãs da comunidade, continua a oferecer a quem chega à encostas do monte Taleo, simplicidade, sobriedade, oração e trabalho. Todos os hóspedes, dos pequenos aos grandes, são convidados a compartilhar a oração e o trabalho, com a comunidade. Anualmente, cerca de mil pessoas alcançam San Biagio em busca de silêncio, escuta, confronto, visando a uma vida decididamente cristã. E muitos, conscientes ou não, sofrem pelo contínuo atordoamento de vozes, propostas, ideologias oferecidas como spot publicitário. Muita gente houve, mas não escuta. A escuta requer, de fato, capacidade de silêncio, espera, acolhida das outras pessoas e criaturas. *Ir. Maria Pia* lembra com frequência, que “é impossível viver dinâmicas relacionais que permitam antes de tudo a escuta recíproca, se as pessoas não forem capazes de silêncio, de espera, de se escutar a si mesmas e de escutar as próprias experiências espirituais profundas”. Por isso, o objetivo da comunidade é o de fazer crescer cada pessoa, que chega e permanece um pouco de tempo em San Biagio, em um clima de sacralidade, onde a beleza está firmemente unida à verdade e à bondade.

EM BUSCA *Horizonte família*

As “pérolas” do amor

Giulia Paola Di Nicola – Attilio Danese
danesedinicola@prospettivapersona.it

«A caridade é paciente, é benfazeja, não é invejosa, não é presunçosa nem se incha de orgulho, nada faz de vergonhoso, não procura o próprio interesse, não se encoleriza, não leva em conta o mal recebido, não goza com a injustiça, mas se alegra com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta» (1 Cor 13, 4-7). São as pérolas do amor” o que se vive e se cultiva na vida e que os esposos compartilham todos os dias entre si e com os filhos. Por isso é precioso parar para aprofundar o seu sentido e tentar uma aplicação concreta na existência de cada família.

■ A caridade não é invejosa

Frustração, incapacidade de suportar os próprios limites podem induzir a desejar que também o outro sofra as nossas provações, e a invejar os seus sucessos. Isso demonstra que não nos interessa a sua felicidade, ou melhor, nos entristece, porque estamos centrados em nosso bem-estar. A inveja nos condena “a viver com pouca alegria, pois Jesus disse: «há mais alegria em dar do que em receber»” (At 20, 35). Contrariamente a isso, o amor não se desagrada com o bem do outro (At 7,9; 15,5) antes, “leva-nos a uma sincera apreciação de cada ser humano, reconhecendo o seu direito à felicidade” (AL 96). A família é o lugar em que se aprende a compartilhar a alegria do outro (AL 110) e aceitar que cada um faça o seu caminho” (Ef 2, 19).

■ A caridade não desrespeita, não se encoleriza

Motivações orgulhosas, disparos de ira, levam a atacar o “culpado”. Para um bom matrimônio é indispensável aprender a manter sob controle a escalada da ira e transformá-la em confronto civilizado e construtivo. Uma coisa é sentir a força da agressividade que irrompe diante de uma ofensa, e outra é consentir à ira e deixar que ela nos domine. A ira “serve apenas para nos adoentar e acaba por isolar-nos. A indignação tende a impregnar todas as nossas atitudes para com os outros” (AL 103). Quem ama se esforça para dirigir-se ao outro com delicadeza, para não feri-lo: entrar na vida do outro mesmo quando faz parte da nossa vida, pede a delicadeza de uma atitude não invasiva, a qual renova a confiança e o respeito; [...] o amor, quanto mais for íntimo e profundo, tanto mais exige o respeito pela liberdade e a capacidade de esperar que o outro abra a porta do seu coração”. Os esposos deveriam fazer todo o possível pra tornar-se amáveis, porque o amor «não age de maneira rude. Os seus modos, as suas palavras, os seus gestos, são afáveis. Detesta fazer o outro sofrer» (AL 99).

Para aprofundar: *Catequeses* (13 de maio de 2015): *O Observatório Romano*, 14 de maio de 2015, p. 8: Tomás de Aquino, *Suma Teológica* II-II, q. 114, a. 2 a 1 e AL 99.

■ O perdão possível

Uma sábia prevenção pode evitar os sofrimentos inúteis dos litígios, quando, então, passam-se dias e dias de silêncio ensurdecedor, de caras fechadas, de golpes mais ou menos baixos. Como manter a fé no pacto de amor sem incluir o perdão? Não se faz referência apenas a eventuais traições; basta um mal-entendido para que, cotidianamente aconteça a explosão de pequenos litígios e se chega à incomunicabilidade. É preciso aprender a fazer as pazes, mas como? “Ajoelhar-me? Não! Somente um pequeno gesto, e a harmonia familiar se restabelece. Basta uma carícia, sem palavras” (AL 104). Para se evitar as armadilhas de um perdão confuso, devem-se criar as condições de disponibilidade interior que impeçam à palavra ou ao gesto de reconciliação aparecer como um esforço puramente muscular. É preciso também encontrar o momento certo para falar e escutar o outro a fim de esclarecer os diversos pontos de vista, já que o amor excede a justiça, mas não se substitui a ela. Diversamente seria isso que Jakélévitch chamava de “perdão esquecido”, fruto da leviandade e da indiferença.

Quem perdoa sabe perdoar-se: «Quantas vezes os nossos erros ou o olhar crítico das pessoas que amamos nos fizeram perder o amor a nós mesmos... É preciso perdoar-se para poder ter esta mesma atitude com os outros» (AL 107). O perdão reclama humildade: “A lógica do amor cristão não é a de quem se sente superior aos outros e precisa fazer sentir o seu poder, mas a de «quem quiser ser o maior entre vós, seja o vosso servo», Mt 20,27 (AL 98). Vale também para a família este conselho: «Revesti-vos todos de humildade uns com os outros, porque Deus resiste aos soberbos, mas dá a graça aos humildes», 1 Pe 5, 5 (AL 98). O perdão é sobretudo fruto da Graça que induz a superar a análise das razões e dos erros e reacender o amor extinto, transformando-nos em protagonistas de regeneração da vida. A vida do casal é aquecida, é salva pelo irromper do fluxo da gratuidade, que transfigura as feridas em recursos para liames mais profundos.

Para aprofundar: Giulia Paola DI NICOLA e Atilio DANESE, *Perdão para... dom. Qual recurso para a sociedade e a família*, Effatà, Turim 2006.

■ A caridade tudo desculpa

Desculpar tudo significa “manter o silêncio” acerca do negativo da outra pessoa, limitar o julgamento, conter a inclinação a lançar condenações: «*Não condeneis e não sereis condenados*» (Lc 6, 37). «*Não faleis mal, uns dos outros*» (Lc 4, 11). “Ficar danificando a imagem do outro é uma maneira de reforçar a própria, de descarregar ressentimentos e invejas, sem se importar com o dano que causamos. Muitas vezes esquece-se que a difamação pode ser um grande pecado, uma séria ofensa a Deus, quando afeta seriamente a boa fama do outro, causando-lhe danos morais muito difíceis de serem reparados” (AL 112). Daqui a recomendação aos esposos de se abençoar, um ao outro. «Os esposos que se amam e se pertencem, falam bem um do outro, procuram mostrar mais o lado bom do cônjuge do que sua fraquezas e erros. Sempre guardam silêncio para não danificar a imagem do cônjuge. Assim é possível aceitar, com simplicidade, que todos somos uma complexa combinação de luzes e sombras, não pretendendo que o seu amor seja perfeito para apreciá-lo. Ele me ama como é e assim como pode, com os seus limites, mas o fato de seu amor ser imperfeito não significa que seja falso ou que não seja real. É real, mas limitado e terreno não poderá, nem aceitará desempenhar o papel de um ser divino, nem de estar ao serviço de todas as minhas necessidades. O amor convive com a imperfeição, a desculpa e sabe guardar silêncio perante os limites da pessoa amada» (Al 113).

■ A caridade confia (tudo crê)

A reciprocidade conjugal: “torna possível uma relação de liberdade. Não é necessário controlar o outro, seguir minuciosamente os seus passos, para evitar que fuja dos próprios braços. O amor renuncia a controlar tudo, torna possíveis os espaços de autonomia, abertura ao mundo e a novas experiências, permite que a relação se enriqueça. E, deste modo, os cônjuges ao se reencontrar possam viver a alegria de compartilhar o que receberam e aprenderam fora do circuito familiar. Ao mesmo tempo, torna possível a sinceridade e a transparência, porque uma pessoa, quando sabe que os outros confiam nela e apreciam a bondade basilar do seu ser, mostra-se assim como é, sem dissimulações” (AL 115)

■ Tudo suporta

O amor combina com a expressão ‘apesar de’. Para dizê-la com o Papa Francisco: «Às vezes admiro a atitude de pessoas que, para se protegerem da violência física, tiveram de separar-se do cônjuge e, todavia, pela caridade conjugal que sabe ultrapassar os sentimentos, foram capazes de agir pelo seu bem, mesmo por meio de terceiros, em momentos de doença, tribulação ou dificuldade. Isso também é amor que, *apesar de tudo*, não desiste» (AL 119). Não se pode pretender que todos enfrentem situações difíceis com as mesmas armas, e saibam superá-las. A relação com o sofrimento é pessoal e misteriosa, requer uma aprovação no segredo da alma, pois não é possível delegar a outros. A sua beleza percebe-se do alto quando se vê o bordado do todo e se é capaz de valorizar os bons frutos do sofrimento.

■ Tudo espera

Quem ama espera sempre que o outro possa melhorar: “que seja possível uma maturação, que as potencialidades mais escondidas do seu ser brotem um dia, que Deus escreve certo por linhas tortas e tira algum bem dos males que se consegue superar na terra” (AL 116). O amor espera que “a escuridão seja derrotada” e vê do céu o outro: “completamente transformado pela ressurreição de Cristo; não existirão mais as suas fraquezas, trevas e patologias. Lá o verdadeiro ser daquela pessoa resplandecerá com toda a sua potência de bem e de beleza” e poderemos “aguardar aquela plenitude que um dia receberá, no Reino celeste, agora não visível” (AL 117).

EM BUSCA # *Mulher*

Trabalho e família

■ Paolo Ondarza

Paolo.ondarza@gmail.com

A necessidade de afirmar “o papel insubstituível da mulher na família e na educação dos filhos”, assim como “a essencial contribuição das

mulheres trabalhadoras na edificação de estruturas econômicas e políticas ricas de humanidade” é uma preocupação muitas vezes evidenciada pelo Papa Francisco, com o seu convite para individualizar “concretas sugestões e modelos positivos para harmonizar compromissos de trabalho e exigências familiares” no contexto contemporâneo caracterizado por uma dicotomia muitas vezes inconciliável entre vida familiar e organização de trabalho.

O Santo Padre quis focalizar a necessidade de sair de uma mentalidade do *ou-ou* que vê trabalho e família contrapostos, para abraçar aquela do *e-e* com a finalidade de uma conjugação dos dois âmbitos: *“Por que se admite facilmente que as mulheres devem ganhar menos do que os homens? Não! Têm os mesmos direitos. A disparidade é um puro escândalo”*.

Era o ano de 1995, ano da Conferência da ONU, em Pequim, que selou os direitos “de gênero”, e “a saúde reprodutiva” (incluindo o aborto), quando João Paulo II publicou a Carta às mulheres: *“que dizer – perguntava-se no documento – dos obstáculos que, em muitas partes do mundo, ainda impedem às mulheres a plena inserção na vida social, política e econômica? Basta pensar em como é muitas vezes penalizado, mais do que gratificado, o dom da maternidade, à qual a humanidade deve a sua sobrevivência. É certo que ainda resta muito a fazer para que o ser mulher e mãe não comporte uma discriminação. É urgente obter em toda parte a efetiva igualdade dos direitos da pessoa e, portanto: pagamento igual por trabalho igual, tutela da trabalhadora-mãe, justas progressões na carreira, igualdade entre os cônjuges no direito de família, o reconhecimento de tudo o que está ligado aos direitos e aos deveres do cidadão em regime democrático”*.

Embora nos últimos anos, os governos nacionais tenham feito declarações de empenho e, em diversos países, se tenham registrado significativos progressos, ainda resta muito a ser feito. Em nível global os salários das mulheres são mais baixos do que os dos homens, apesar da carga de trabalho ser proporcionalmente inversa. Nos

países ricos a taxa de desocupação feminina é mais alta do que a masculina, e o salário médio é, ao invés, inferior. A maior parte das trabalhadoras, de fato, está concentrada em empenhos menos recompensados e mais precários. O percentual de 65 a 90% dos contratos part-time é mantido pelas mulheres. No sul do mundo a mulher suporta uma carga de trabalho superior à do homem e frequentemente deve renunciar à instrução. O percentual de 60% da força de trabalho agrícola na maioria dos Países africanos é representado pelo sexo feminino. O mercado do sexo, que constitui uma verdadeira chaga, permanece em nível global: é sempre maior o número de mulheres imigrantes no Ocidente que, com a miragem de uma vida melhor, acabam sendo escravas do tráfico. Esta flagrante discriminação sexual evidente, entra em conflito com a capacidade empresarial demonstrada pela mulher: as iniciativas de microcrédito tendem a privilegiar as atividades femininas. Quanto ao fator maternidade, por exemplo na Itália, 30% das mulheres, quando se tornam mães, interrompem a sua relação de trabalho, porque são obrigadas a assumir encargos familiares excessivos, contra 3% dos pais, Segundo o Forum das famílias na Itália, num vilarejo com nascimentos abaixo de zero, gerar um filho é uma das primeiras causas de pobreza. As capacidades especificamente femininas, em particular a maternidade – escreveu o Papa Francisco na *Amoris Laetitia* - conferem “deveres, porque o ser mulher comporta também uma missão peculiar sobre esta terra, que a sociedade deve proteger e preservar, para o bem de todos”.

“Hoje reconhecemos como plenamente legítimo, e também auspicioso, que as mulheres queiram estudar, trabalhar, desenvolver suas capacidades próprias, e ter metas. Ao mesmo tempo, não podemos ignorar a necessidade que têm as crianças da presença materna, especialmente nos primeiros anos de vida. A verdade é que a mulher está diante do homem como mãe, e dela nasce o mundo”. Como manter juntos família e trabalho? Responde **Adele Ercolano**, idealizadora e responsável pelo primeiro mestrado europeu em *“Conciliação, Família e Trabalho*, no Ateneu Pontifício Rainha dos Apóstolos:

“O acordo família e trabalho é uma questão que diz respeito a todos, tanto às

mulheres quanto aos homens, mesmo se em diversos países, entre os quais a Itália, tem ainda uma conotação quase exclusivamente feminina. São ainda as mulheres que requerem e se beneficiam com as políticas de conciliação, como por exemplo o part-time. Apesar de quase trinta anos de conciliação, nas quais muito foi feito, para as mulheres, hoje, conciliar é possível, porém não é totalmente óbvio. Persistem muitas críticas a serem superadas: uma organização de trabalho baseada em horários muito rígidos que absorve o tempo de vida das pessoas e que pouco se adaptam às exigências da vida familiar; a falta de serviços e horários adequados e acessíveis a todas as famílias.

Em quais partes do mundo é mais fácil ser trabalhadora e mãe? Onde é mais difícil?

“É mais difícil naqueles Países onde existem políticas de apoio à maternidade, à paternidade e, em geral, políticas em favor da família. Países como a Dinamarca, a Holanda, a Alemanha e a França são certamente mais mother-friendly. De fato, nesses Países a taxa demográfica é mais elevada em comparação com a Itália onde existe o fenômeno dos berços vazios. Entre os Países ocidentais em que não é fácil ser uma mãe trabalhadora, contrariamente ao que se pensa, há os Estados Unidos onde às mães são dadas poucas semanas de maternidade e riquíssimos subsídios”.

O salário feminino permanece inferior com relação ao masculino. Quais são as causas desse “escândalo”, como o definiu o Papa Francisco?

“Tem razão o Papa Francisco em definir o baixo salário feminino como um escândalo: as mulheres são grandes trabalhadoras e a discriminação é algo de inaceitável. As razões do *gender pay gap* são muitas, ao meu ver a causa principal tem raízes culturais. Pensemos, por exemplo, nas profissões tipicamente femininas como: ser professora, enfermeira, ou ocupar-se com o trabalho de cuidar, são trabalhos associados a retribuições mais modestas, somente porque tradicionalmente femininas. Seria necessário, em vez disso, reconhecer o alto valor humano e social desses trabalhos, valorizando-os em termos econômicos”.

Na “Carta à Mulher” São João Paulo II evidenciava o quanto é penalizante para

uma trabalhadora, tornar-se mãe. Hoje, nos tempos das cotas rosas e das batalhas pela igualdade de gênero, a situação mudou?

“Os anos não passam em vão; felizmente as mudanças existem: em geral, existe uma maior consciência, não apenas a respeito das mulheres, mas também, da cultura empresarial, tanto na Itália como em nível global. Há ainda muito a ser feito, mas a mudança está em ato e é também visível.

Muitas vezes a mulher, também em âmbito de trabalho, está confinada em papéis que degradam a sua dignidade e corporeidade (publicidade, mercado do sexo...). O que se está fazendo em nível global para tutelar a dignidade dessas mulheres?

“Se de um lado existe uma crescente sensibilização ao monitoramento da representação respeitosa da imagem da mulher na mídia e na publicidade (são diversas as iniciativas empreendidas em tal sentido), do outro lado ainda hoje acontece ver publicidades ou programas televisivos que lesam a imagem da mulher, em diversos Países. É um tema muito complexo, que requer um empenho e um forte senso de responsabilidade de todos, sobretudo das gerações jovens, da parte de quem administra, cria e produz matérias de comunicação multimídia. Para que haja uma cultura do respeito, é preciso criar consciência do poder da mídia e de suas consequências.

Tema extremamente complexo e dramático é o da mercantilização do corpo e redução das mulheres à escravidão. Sobre este tema há pouquíssima sensibilização, pouquíssimas iniciativas políticas, e são sobretudo as religiosas que se ativam, em todo o mundo, para tutelar e restituir dignidade às mulheres vítimas desta terrível violência.

Em nível educativo, quais propostas colocar em campo para repensar a relação mulher-trabalho?

“Assinalo uma delas. O Instituto de Estudos Superiores sobre a Mulher lançou, em 2016, o projeto *Value@Work, a Pessoa no Centro*, um grupo para o compartilhamento e a reorganização de valor do mundo de trabalho, promovido em colaboração com o Instituto Fidelis de Ética Social e Econômica, ambas do Ateneu

Pontifício Rainha dos Apóstolos, constituído por um time interdisciplinar de académicos, representantes de instituições, empresas e associações de setores, para promover uma cultura organizativa familiarmente responsável, para orientar e medir cada dinâmica económica, política e social”.

EM BUSCA *Focus*

Em caminho com as jovens FMA

■ **Ir. Nieves Rebozo, FMA**

nieves@cgfma.org

O Instituto, na Igreja, na diversidade das expressões de Vida Consagrada, vive uma estação favorável, habita um tempo e um espaço rico de oportunidades e recursos, ao mesmo tempo complexo e fragmentado. Trata-se de um habitar dinâmico, na busca de caminhos, por meio dos quais, acompanhar as jovens chamadas a seguir Jesus Cristo num serviço incondicional aos jovens, sobretudo os mais pobres.

A dimensão mística e profética que hoje caracteriza a Vida consagrada na Igreja e na sociedade, nos impele a seguir os passos de Jesus, a assumir os seus sentimentos, a comunicar, revelar e tornar presente, no cotidiano da história, o amor preveniente e misericordioso de Deus; a anunciar com os jovens a Boa-Nova do Evangelho; a ser sinais aos mais pobres; a estar sempre ‘em saída’ para as periferias geográficas e existenciais, como missionárias de esperança e alegria.

Tudo isso não é óbvio, requer um constante e decisivo empenho de colocar-se em caminho, guiadas por itinerários formativos elaborados sob medida, em fidelidade à pessoa ‘chamada’, ao Evangelho, ao Carisma, no contexto sócio-cultural em que se habita.

A formação é uma obra artesanal que se efetua numa oficina ‘itinerante’ em que, em docilidade ao Espírito e acompanhadas pelas

mediações, modelam-se as Filhas de Maria Auxiliadora em cada etapa formativa, e em todas as idades da vida. O que hoje interpela o Instituto é o desafio da formação das novas gerações e, em particular nas últimas décadas, o acompanhamento das Junioristas em sua inserção na comunidade em missão, lugar privilegiado para a construção progressiva da identidade da Filha de Maria Auxiliadora. Formar pessoas educadoras capazes de ‘despertar o mundo’ que, vivendo a fidelidade, dão a razão da alegria que as habita, tornam-se testemunhas, anúncio, proximidade, expressando deste modo a caridade pastoral do carisma salesiano.

São jovens que escolheram consagrar-se a Deus em nossa família religiosa, vivendo a beleza de uma vida que, antes de ser ‘empenho’, é em primeiro lugar, dom de amor e de felicidade.

A reflexão sobre o **Juniorato** é uma escolha estratégica para o desenvolvimento do carisma, pois ele se enriquece com a contribuição criativa das novas gerações da FMA. Favorece-se, assim, o crescimento vocacional de cada Irmã e se abrem estradas sempre novas para responder com audácia aos apelos do mundo juvenil, em fidelidade ao sonho de Deus e dos Fundadores, São João Bosco e Santa Maria Mazzarello.

Este caminho inicial, de fato, põe as bases para que a formação permanente, ao longo de toda a vida, seja não só possível, mas também desejada, procurada, cuidada, amada.

■ Os passos do processo

O início do processo de reflexão sobre o Juniorato suscitou grandes esperanças: todas, e em particular as Junioristas, esperam orientações claras e fundamentadas que as ajudem a crescer na identidade vocacional, a potencializar a dimensão mistagógica e missionária das comunidades para que o testemunho seja contagioso e se possa fazer a experiência do estupor e da gratuidade no encontro com o que é novo e diferente.

Os critérios que, desde o início guiaram a reflexão, foram os seguintes: a escuta da realidade, o envolvimento, a participação, o confronto intercongregacional e intercultural em fidelidade criativa ao Carisma, ao Magistério da Igreja e ao Instituto.

Uma única e grande certeza animou e guiou os vários passos do processo: o

Espírito Santo não deixará faltar a sua luz e a sua guia para se oferecer uma formação que responda às exigências de hoje.

■ **Fazei aquilo que vos disser**

A escuta da experiência das Junioristas, das comunidades de formação e das formadoras, por meio de questionários, permitiu alargar o olhar sobre a realidade do Juniorato em nível mundial. Colocaram-nos diante de uma realidade portadora de sinais de vida e, ao mesmo tempo, de fadigas, de um 'já e não ainda' que exprime a alegria e o empenho de ir rumo à progressiva consolidação da identidade FMA.

Foi individualizado no texto bíblico de Maria em Caná (Jo. 2, 1-11), o ícone inspirador da missão mistagógica da formadora; da abertura ao Espírito e da docilidade das Junioristas no caminho ao dom total de si a Deus, no seguimento de Cristo; do envolvimento e da atenção proveniente da comunidade que celebra com alegria a festa gerada pela transformação da água em vinho.

O texto das **Orientações** propõe à atenção de todas, a experiência de vida das Junioristas, das comunidades e das formadoras, as provocações, as convicções e as escolhas a serem privilegiadas. Nas entrelinhas emergem alguns sonhos que as jovens FMA trazem dentro de si, sonhos tais que, gostariam, se tornassem, sempre mais reais na vida pessoal e na vida das comunidades educativas, mesmo se, às vezes, não se sintam capazes de expressá-los de forma adequada.

Orientações para a etapa formativa do Juniorato, INSTITUTO FMA – Roma 2017

■ **Os sonhos**

Muitos são os sonhos e muitas as situações que vivem em nós, nas comunidades, na missão, nos vários contextos.

- *Viver a plenitude da Aliança de amor com o Senhor de modo tal a preencher de felicidade toda a sua vida*, colocando afetivamente Cristo no centro e, integrando n'Ele, todas as dimensões da própria existência, na única paixão por Deus e pelos jovens.

- *Ser comunidade em estado de formação contínua*, comunidade mística e profética, na

qual vivem-se os valores do Evangelho e o espírito de Mornese. Comunidades em que todas as Irmãs se sintam discípulas em caminho, envolvidas no processo formativo, respeitando o ritmo de crescimento de cada uma.

- *Construir comunidades simples e ágeis, abertas à interculturalidade, ao intergeracional, ao intercongregacional, felizes de viver a vocação salesiana*, de tecer relações interpessoais profundas, de experimentar o acompanhamento recíproco, capazes de se arriscar com a paixão do *da mihi animas cetera tolle*.

- *Ser comunidades pobres para os pobres, em saída para as periferias existenciais da própria comunidade e da missão educativa*, capazes de realizar escolhas corajosas de austeridade, rejeitando a lógica do desperdício e as dinâmicas do consumismo. A pertença total a Cristo pode tornar-se lugar hospitaleiro para toda a humanidade.

- *Experimentar a alegria de uma missão efetivamente compartilhada*: abrir o espaço das relações pessoais, institucionais e virtuais, ampliar a mente e o coração, orientar a capacidade de uma alegre abnegação ao que é relação, comunicação, acompanhamento, colaboração e comunhão, em vista de uma missão mais fecunda. Assumir corresponsavelmente o desafio de percorrer o caminho, juntos: os leigos, os religiosos, os jovens.

- *Sentir-se herdeiros dos sonhos dos nossos Fundadores, das irmãs que nos precederam e que tiveram a coragem de sonhar grande para poder profetizar hoje, e manter vivo aquilo que um dia sentiram inflamar o próprio coração*. Ser, de geração em geração, memória e profecia do Amor proveniente de Deus entre os jovens.

As orientações foram inspiradas na escuta atenta e respeitosa, no diálogo constante com o caminho da Vida consagrada hoje; pelas exigências do Carisma e da experiência formativa de Dom Bosco e Madre Mazzarello.

■ **Novas pistas de esperança e de profecia**

Acolhendo respostas, reflexões e sugestões, vivemos uma verdadeira experiência de Espírito Santo e nos sentimos, de certa forma, habitadas pela vida de tantas irmãs e comunidades que, com confiança e parresia evangélica, nos

entregaram a sua experiência da etapa formativa do Juniorato. Todas nós entramos no jogo como uma família que prepara a festa das núpcias de uma filha! Maria, em Caná, continua a acompanhar-nos na assunção vital dessas Orientações, acolhendo o convite: *Fazei o que Ele vos disser.*

O vinho novo da alegria não acaba em nossa mesa fraterna, que é enriquecida pelo vinho novo de jovens irmãs que oferecem, à comunidade, a novidade profética do anúncio alegre e efervescente do Evangelho. As orientações são indicações que o Instituto entrega a todas as Inspetorias, Comunidades, Junioristas, oferecendo uma proposta autorizada de discernimento e de revisão da etapa formativa do Juniorato.

O Projeto Formativo *Nos sulcos da Aliança*, permanece o Documento de referência, tanto em sua impositação global como a respeito das indicações na etapa específica do Juniorato. As Orientações aprofundam alguns aspectos que hoje requerem uma particular atenção e cuidado. Cada Inspetoria é chamada a inculturá-las, declinando-as na própria realidade, e integrando-as nas ulteriores contribuições das Formadoras, das Junioristas e de cada irmã da Inspetoria.

As Orientações suscitarão certamente, com a força do Espírito, novas pistas de esperança e de profecia que recriarão renovadas 'Alianças de amor', envolvendo todas as pessoas, especialmente os jovens, na abundância do banquete e na alegria da festa. Guia-nos Maria, a mulher do vinho bom, que renova conosco a festa da Aliança.

FILHAS DE MARIA AUXILIADORA, *Nos sulcos da Aliança. Projeto formativo das FMA, Turim, LDC 2000.*

A voz dos jovens

A força do testemunho

Gabriella Imperatore
gimperatore@cgfma.org

A JMJ de Cracóvia, uma experiência forte e tocante para milhares de jovens de todo o mundo. «Ide contra a corrente. Não enterreis os talentos, os dons que Deus vos deu. Não tenhais medo de sonhar grande. Jovens, lembrai-vos, é preciso entrar no jogo, em vista dos grandes ideais» (Papa Francisco).

“Hoje devo ficar em tua casa”. A JMJ começa hoje e continua amanhã, em casa, porque é ali que Jesus quer encontrar os jovens. O Senhor não quer ficar somente na bela cidade de Cracóvia ou nas agradáveis lembranças, deseja ir à tua casa, habitar a tua vida de cada dia: o estudo e os primeiros anos de trabalho, as amizades e os afetos, os projetos e os sonhos. Deseja que a Sua Palavra fale em toda a tua jornada, que o Seu Evangelho se torne teu, e que seja o teu “co-piloto” nas estradas da vida.

■ Comunhão em Deus

«Encontrei nessa experiência uma grande força que permaneceu também, ao voltar para casa; e quando a rotina foi retomada, a fé que de algum modo fora refoçada, não foi cancelada. O que mais experimentei e me acompanhou em Cracóvia, entre milhares e milhares de jovens, nações e línguas diversas, foi a comunhão que havia entre todos, entre nós, entre as pessoas e os grupos que estavam ali e, com os quais, ficamos muito ou pouco tempo, com os quais cantamos no trem, no bonde, no ônibus, pelas estradas, sobre as pontes e nos prados. O que me tocou logo foi o fato de que não era a gentileza ou a tentativa de fraternizar, que unia a todos, mas sentia-se uma profunda comunhão, também ao saudar uma entre as milhares de pessoas que passavam e que seguramente não veríamos mais. Sentia-se Deus que nos unia e que governava tudo, fazendo brotar um grande fluxo de alegria e de amor de uma pessoa para a outra. *“Senhor, eu te agradeço porque me amas; estou seguro de que tu me amas. Concede-me enamorar da minha vida, não dos meus defeitos que são corrigidos; da minha vida que é um grande dom: ela ocupa o tempo concedido para amar e ser amados”* (Papa Francisco). Esta é a frase que guardei no meu coração».

Acredito no sol mesmo quando não brilha; acredito no amor mesmo quando não o sinto; acredito em Deus mesmo quando se cala.

■ O verdadeiro sentido da vida

«Eu pude notar o quanto os meus medos e as minhas incertezas não pertencem somente a mim, mas a todos os jovens que se perguntam qual é o sentido verdadeiro da própria vida. Muitas vezes não nos sentimos amados, aceitos, não encontramos o nosso lugar no mundo, e isto nos faz mal; basta-nos um impulso, uma sinfonia de fundo da qual partir, para nos construirmos a nós mesmos. Deus nos dá uma grande oportunidade para mudar o mundo, e nos faz entender que nós somos capazes de fazê-lo, que podemos mudar as coisas. Compartilho a mensagem do Papa, porque eu mesma tive momentos de desconforto, de tentações e preguiça – e ainda pode acontecer – como o “sofá-felicidade”. Fiquei muito feliz com a minha permanência na Polônia: a dimensão da hospitalidade, a cortesia das pessoas, a beleza dos pequenos gestos cotidianos, me fizeram recuperar o sentido e a beleza da simplicidade. Fiz novos conhecimentos, vi gente de várias nações e entendi o quanto é belo poder fazer parte de uma realidade grande como a Igreja.

Sou uma jovem universitária com muitas dúvidas, muitas expectativas e esperanças. O Papa Francisco me reencorajou, deu-me força para ir adiante, apesar das dificuldades do sofá que está sempre ali pronto a acolher-me e me torna imóvel. A todos os meus coetâneos, e a mim mesma, digo para pensar que, há muitos anos atrás o jovem Karol Wojtyła colocava-se aquelas mesmas perguntas que hoje nos colocamos, a respeito do sentido do mundo e do nosso lugar nele.

«Ide pelas estradas do mundo seguindo a loucura do nosso Deus».(Papa Francisco)

■ O mundo em Cracóvia

«A JMJ de Cracóvia foi vivida na insígnia da internacionalidade e interculturalidade. A juventude do planeta, todos os continentes juntos, encontraram-se num certo momento, “como se fossem um”, no País de João Paulo

II. Sim, em Cracóvia reuniu-se o mundo, uma energia indescritível na Europa sem fronteiras. Os jovens do mundo inteiro brincavam, cantavam, divertiam-se juntos, em um ambiente e com uma energia sem par. Penso em Blonia: foi fantástico! **Todo o mundo dava de si mesmo.** Trocamos objetos pessoais (braceletes, bandeiras...) numa alegria única. Nós nos sentíamos parte de uma mesma família, não obstante as diversas nacionalidades. As famílias polacas foram excepcionalmente hospitaleiras. O nosso amigo, o amigo dos jovens, o Papa Francisco, falou a todos os jovens. Lembro que durante a Vigília no Campus Misericordiae, dialoguei, às quatro da manhã, com canadenses, africanos, europeus e asiáticos. Em Cracóvia pude tocar com a mão o direito internacional na sua dimensão prática».

«Os jovens sempre nos dão esperança»
(Papa Francisco)

■ Conto contigo

O mundo de hoje precisa de jovens que acreditem que a vida lhes oferece uma missão; que não se cansem de testemunhar, com a própria vida, o amor de Cristo. O Papa Francisco, na vigília de oração na véspera da JMJ diocesana, em Roma, falou aos jovens de Roma e do Lazio, a respeito do próximo Sínodo dos Bispos sobre os Jovens, e disse: «De Cracóvia ao Panamá. Mas, no meio o Sínodo, um Sínodo do qual nenhum jovem deve sentir-se excluído. Mas, fazemos o Sínodo para os jovens católicos? Não. O Sínodo é o Sínodo *para os Jovens e de todos os jovens!* Os protagonistas são os jovens. Também os jovens que se sentem agnósticos, que têm uma fé morna? Sim, também os jovens afastados da Igreja. Este é o Sínodo dos Jovens e nós todos queremos escutar-nos mutuamente. Cada jovem tem algo a dizer aos outros, tem algo a dizer aos adultos, tem algo a dizer aos padres, às irmãs, aos Bispos e ao Papa. Todos temos necessidade de ouvir vocês!

A Igreja precisa dos jovens. A Igreja, o mundo mudam quando caminham juntos, com e para os jovens. «*Desejamos partir da vossa vida e vos pedimos de ajudar-nos a repensar, juntos, a Igreja, porque vós sois a Igreja não apenas do futuro, mas de hoje.*

Então... Jovem, eu conto contigo! Preciso da tua contribuição! Topas?».

EM BUSCA *Polifonia*

Liderança e circularidade

Anna Rita Cristaino
annarita.cristaino@gmail.com

A necessidade de uma liderança autorizada e amorosa entre os religiosos, parte do seguinte argumento: as pessoas que vivem numa organização comunitária são seres humanos e, para que se expressem no melhor modo de si mesmas, fazem-se necessários o amor e a caridade, que brotam do respeito e da compreensão recíproca. São elementos que influenciam: o modo com que a superiora ou a animadora de comunidade percebe os membros da comunidade, a sua capacidade de dar ouvidos às necessidades, a sua clareza com a qual afirma a própria autoridade. Tais elementos influenciam tanto quem exerce a autoridade como quem participa, com os próprios recursos, do crescimento comunitário.

É necessário que a superiora tenha um mínimo de habilidades para conduzir uma comunidade religiosa, habilidades necessárias e importantes para si e para os outros. Quem consegue tolerar as frustrações que podem se apresentar em comunidade, escuta as irmãs que se apresentam a ela, intervém sem ser invasiva, solicita o reconhecimento e o emprego dos recursos pessoais, é certamente uma pessoa que exerce o serviço de autoridade com competência ou, pelo menos, é uma pessoa que tende a aperfeiçoar as próprias habilidades. Foi amplamente confirmado pela psicologia social que o líder competente, ou que cresce em sua competência, é bem

acolhido pelo grupo e o grupo mesmo facilita o seu caminho de incremento de suas habilidades.

■ O líder e as relações interpessoais

As relações que existem entre superiores de comunidade e membros do grupo têm uma importância vital para o desenvolvimento de uma liderança saudável. Hoje a atenção está sempre mais voltada aos comportamentos relacionais que fundamentam a eficácia e a firmeza da liderança, para as pessoas e para os seus objetivos. Além disso, a centralidade das relações ajuda o grupo a dirigir-se, com a mediação do líder, para os conteúdos que fazem parte do projeto comum.

As pessoas encontram-se e se desencontram, conversam, programam juntos e, em tudo isso a autoridade influi, não tanto pelas regras que dita, quanto, sobretudo, pela sua presença que apoia e mostra possibilidades, o que permite ao grupo dar sentido às diversas ações realizadas no cotidiano. A dinâmica de um grupo compreende o desenvolvimento de transações que as pessoas tecem entre si e que representam a linguagem relacional com que manifestam as suas intenções, as suas expectativas, as suas alegrias, as suas necessidades e os seus interesses pessoais.

Participar deste laboratório de relações quer dizer, para a superiora, estar consciente dos eventos relacionais da própria comunidade sobre a qual ela se propõe a ser uma figura de referência constante e empática.

Diante da diversidade das situações interpessoais, o líder tem o dever de facilitar a solidariedade entre as pessoas que vivem em comunidade, por meio de uma tomada de consciência propositiva das diversas posições, com o intuito de ajudar o grupo a crescer de modo coordenado, rumo aos objetivos compartilhados. Uma liderança eficaz exige tanto as específicas competências interpessoais e estruturais, como uma clara resposta de consciência e de contato com as diversas situações presentes na comunidade. Diversamente, quando falta este equilíbrio entre estrutura e relações, corre-se o risco de acontecer uma espécie de separação entre as regras dadas e as experiências reais do grupo: a superiora espera que as pessoas obedeçam, e estas provavelmente o fazem, mas o seu coração e

a sua mente estão noutra lugar. Eis porque, na fase da organização do grupo comunitário, é fundamental que a comunicação dos conteúdos relacionais seja real e corresponda àquilo que realmente sucede nos relacionamentos comunitários, pois as dinâmicas interpessoais estão diretamente ligadas aos processos que as pessoas vivem na plataforma comum, representada pela vida em comum.

Se, então, na comunidade os conteúdos não forem veiculados de modo significativo pelo grupo, de modo que as pessoas possam efetivamente participar do significado de tudo quanto foi proposto pela autoridade, para o bem comum – e não somente em nível cognitivo mas também em nível emocional, o desafio progressivo pode tornar-se falta de motivação para participar das iniciativas propostas.

A líder deve então considerar os eventos que acontecem na própria comunidade segundo o significado que têm para o grupo, e participar com suas características, seus méritos e seus defeitos, da vivência da fraternidade. Para tornar fecundo este empenho, ocorre que esteja continuamente envolvida para reavaliar as próprias potencialidades e os recursos dos outros, a partir das situações concretas que todos vivem em comunidade, para construir realmente aquele “nós” comunitário que é fonte inexaurível de comunhão fraterna, fundamentado na comunhão em Cristo Jesus.

Para que se chegue a isso é indispensável que as pessoas que recebem a proposta de guiar comunidades, sejam capazes de perceber as dinâmicas interpessoais feitas de ações e reações recíprocas, para evidenciar os recursos potenciais presentes em si mesmas e nos outros, e para avaliar quais comportamentos adotar para se chegar a autênticas modalidades cooperativas de liderança. A sua tarefa é a de favorecer a consciência daquilo que se vive em comunidade, facilitando o desenvolvimento das potencialidades pessoais e interpessoais, para que cada um esteja ativamente envolvido para gerir as diversas situações que caracterizam a vida comum.

■ **Habilitar-nos à circularidade**

Uma autoridade oconstrutora de unidade é aquela que se preocupa em criar um clima

favorável ao compartilhamento e à corresponsabilidade, que suscita a contribuição de todas, que encoraja as irmãs a assumir as responsabilidades e a saber respeitá-las. A autoridade do superior e da superiora se exerce, portanto, para que a casa religiosa não seja simplesmente um lugar de residência, um aglomerado de sujeitos, onde cada um conduz uma história individual, mas uma comunidade fraterna.

O exercício de novas formas de organização e coordenação da vida religiosa, que partem de uma maior circularidade, promove uma participação maior, mais ativa e plural e, também, a escuta de todas as vozes, levando em consideração as opiniões de um número maior de membros; isso implica um caminho criativo na construção de processos de discernimento, em determinados aspectos e práticas, garantindo, assim, maior participação e corresponsabilidade na reflexão e nas decisões.

Giuseppe CREA, *Autoridade e dinâmicas pessoais na vida consagrada*, em **Consagração e Serviço** – outubro de 2003.

Cleusa ANDREATTA e Susana Maria Rocca, *A circularidade e os diversos modos de exercer ao poder* (I. H. USINOS - Brasil

Comunicar

Novos cenários e formas de presença

■ **Maria Antonia Chinello**
mac@cgfma.org

Nos números precedentes refletimos sobre as modalidades e estratégias da comunicação, que podem ser levadas em consideração pelas Inspetorias, escolas, centros de formação e de promoção, casas família, e por qualquer outra obra que tenha a intenção de “apresentar-se ao externo” e manter contatos com o

território. Nós nos deixamos guiar por algumas interrogações: existe um liame entre comunicação e organização? Como gerir a comunicação no interno e no externo das nossas obras? Quais canais e estratégias adotar para informar eficazmente, fazer-nos conhecer e tornar-nos incisivas no território?

■ Uma comunicação para a vida consagrada

As Congregações e os Institutos religiosos se servem da comunicação para a missão evangelizadora segundo os próprios carismas, para anunciar ao mundo, com as linguagens e as formas de hoje, Jesus Cristo. Madre Tecla Merlo, fundadora, com Dom Alberione, das Filhas de São Paulo, escreveu certo dia que queria ter «mil vidas para o Evangelho». Portanto, não uma utilização com o fim em si mesma, mas, sobretudo canais para fazer conhecer a própria identidade, os próprios valores. Portanto, um serviço para a Igreja, a pessoa e o mundo, e para nós Filhas de Maria Auxiliadora, para os jovens.

As nossas famílias religiosas, assim como a Igreja, são *sujeitos de comunicação*. Têm direito a comunicar, informar, difundir mensagens e ideias, assim como outras instituições públicas e privadas.

Ao mesmo tempo, são *objetos de comunicação*, porque muitas vezes as atividades, as tomadas de posição, as obras, são argumento das informações difundidas por meio dos diferentes e variegados canais de comunicação.

É necessário, portanto, oferecer uma informação verdadeira e oportuna aos profissionais da comunicação, aos quais compete informar sobre a Igreja e sobre o mundo religioso. Como também «o ferecer uma contribuição propondo uma reflexão sobre as causas, as lógicas e as consequências da desinformação na mídia, e ajudando na promoção de um jornalismo profissional que busque sempre a verdade, um jornalismo de paz que promova a compreensão entre as pessoas». O que se lê na nota difundida pela Secretaria para a Comunicação, ao anunciar o tema que o Papa Francisco escolheu para a 52ª Jornada Mundial das Comunicações Sociais 2018, é o

seguinte: «*A verdade vos libertará*» (Jo 8, 32). *Notícias falsas e jornalismo de paz*.

O Instituto das FMA, como muitas outras Congregações, empenhou-se ao longo da história, em uma presença orgânica e organizada das mídias na Rede. Nem sempre é fácil: a gestão da comunicação, se quiser ser uma mensagem de qualidade, requer uma projetualidade adequada e uma estratégia de presença e de profissionalismo constante. Muito resta ainda a ser feito, sobretudo a ser estudado, para marcar presença no continente digital, precisamente pensando na amplidão de formas e linguagens, que alcançou a difusão pela Internet. Basta pensar nas diferentes *redes sociais* e nas múltiplas plataformas para a comunicação instantânea. É lá que somos chamadas a promover a evangelização por meio de um testemunho pessoal, comunitário, institucional garantindo *profissionalismo e qualidade ao conteúdo*, explicando e argumentando a identidade, a mensagem espiritual e a atividade pública, de acordo com as necessidades informativas do momento.

«*Não podemos pretender que as coisas mudem, se continuamos a fazer as mesmas coisas*» (Albert Einstein)

■ A praça digital

A comunicação institucional não pode prescindir das tecnologias digitais. A web, em particular, é o canal mais utilizado. Poderíamos tomar o exemplo da Administração Pública que, para a organização de serviços institucionais está, pouco a pouco, transformando lugares e portais de informação em verdadeiros e próprios “guichês virtuais”, ponto de acolhida e de acesso para um número de usuários muito maior e mais diversificado do que qualquer outro guichê tradicional. O objetivo é aperfeiçoar sempre mais a oferta e colocar à disposição do cidadão, conteúdos e instrumentos para responder aos pedidos instaurando um diálogo inclusivo. Deste modo os “destinatários” não são mais entendidos como usuários passivos, mas, principalmente como interlocutores, co-protagonistas de um processo comunicativo dialógico contínuo.

■ Sete passos para comunicar

Sites, portais, vídeo, social, newsletter, blog, plataformas... Os canais e os instrumentos a escolher, são múltiplos. É importante esclarecer-se, antes de projetar, “quem e o que queremos comunicar”. Disso tem início toda uma operação delicada, de imagem (conteúdo + forma) que precisa de alguns elementos: *Screen Design, Content, Accessibility, Navigatios, Media Use, Interactivity, Consistency*.

O *Screen Desig* é o aspecto gráfico, a gestão dos espaços, o emprego das cores, a escolha do *font* e a facilidade de leitura do texto.

O *Content* diz respeito à atividade de elaboração dos textos, com atenção à linguagem que deve ser simples e eficaz. Controlar e atualizar as informações, evidenciar prazos e datas de atualização, monitorar acessos, necessidades e satisfação dos destinatários, avaliar eventuais revisões na arquitetura informática, são todas atividades que devem avaliadas periodicamente.

A *Accessibility*, a capacidade de organizar serviços e fornecer informações aproveitáveis a todos, também por aqueles que, por causa das deficiências, precisam de tecnologias ou configurações particulares.

Navigatios é o imperativo para predispor percursos facilitados, uma arquitetura dos conteúdos funcionais para a comunicação, com instrumentos práticos que se abrem para links, contatos, multimídia...

Media Use, (uso a mídia) isto é, a utilização de animações e a gestão de conteúdos multimídiais: elementos gráficos, galerias fotográficas, gravações e rádio ou vídeo direto. O objetivo é a integração em um único ambiente de conteúdos em formatos digitais diversos.

O *Interactivity*, para ativar canais de interação, expressar opiniões, obter esclarecimentos ou ulteriores informações de aprofundamento.

E voltamos ao princípio. Comunicar uma instituição, um grupo, uma organização, também utilizando técnicas de marketing e de publicidade para defender valores, organizar eventos religiosos ou propor ideias, requer que seja preservado o sentido genuíno do *comunicar*, a osmose bidirecional onde «comunica somente quem recebe e participa, quem é capaz de trocar o dom (*munus*) acolhido com o senso da sagrada

gratidão». Porque, como dizia Henry Bergson, «a comunicação acontece quando, além da mensagem, passa também um suplemento de alma».

COMUNICAR *Cinema*

Envelhecer com graça... uma bela viagem!

Palma Lionett

palmalionetti@gmail.com

Grow old along with me/The Best is yet to be/the last of life/ for which the first was made (envelhece comigo/ o melhor deve ainda vir/ o último da vida/ pela qual foi feita a primeira). São as palavras que Robert Browning faz dizer a Rabbi bem Ezra no homônimo poema com o qual podemos comentar dois filmes sobre esta etapa da vida, que é a velhice.

Em “Ella&John” de Paolo Vizi, a senilidade é relatada com ironia, ternura e comoção; em “As nossas almas à noite”, de Ritesh Batra (The Lunchbox) defronta-se com a temática da solidão senil, com desencanto, sem pietismos ou exageros dramáticos. Ambos os filmes são uma tentativa de que seja impossível “amar-se uns aos outros como adultos”.

“Ella&John” (“The leisir seeker”), extraído do romance “*Em viagem na contramão*” de Michael Zadoorian é traduzido em um filme por Paolo Virzi, diretor italiano que, respeitando o ambiente dos Estados Unidos, faz um filme universal.

Helen Mirren e Donald Sutherland interpretam magnificamente Ella e John, um casal de velhos que decide fazer juntos uma última viagem escondida de todos e, apesar da idade avançada e, talvez, a morte iminente, continuam a querer-se bem. Um filme que não escorrega na retórica usual

transbordante de sentimentalismo adocicado e patético. O diretor toscano, que já fora apreciado em *A louca alegria*” (apresentado na seção *Quinzaine des Réalisateurs* no festival de Canes 2016) soube transformar uma ideia senil e simplória em um filme ambicioso e capaz de relatar com profundidade, os sentimentos.

Em Virzi, de fato, como escreve a crítica, *“nada existe sobre o que não se possa rir, e a comédia nunca é sinônimo de ridículo, antes, cada fraqueza e cada problema cômico trazem mais empatia para com os personagens, confere-lhes uma humanidade frágil que os nobilita, aproximando-os de nós, em vez de fazer uns clown”*.

Como não ficar fascinados por **John**. Um professor de literatura apaixonado de Hemingway, que agora está perdendo a memória, sempre mais desatento e não auto suficiente, que preenche seus vazios de memória com lembranças, páginas de literatura, e que sabe criar, contudo, um incrível feeling com qualquer que o escute graças à sua mente muito aberta, curiosa e imprevisível.

E por **Ella**, totalmente diferente, leve e, ao mesmo tempo, aguda, rápida apesar da idade. Determinada, amavelmente teimosa, fabulosamente impermeável a toda regra porque, com uma tenacidade comovente, vai diretamente ao seu objetivo: acompanhar o marido, do qual ainda se sente enamorada, numa última grande viagem. E o faz para fugir da apreensão dos médicos e dos filhos, indo na contramão, na verdade, mas nunca contra-coração, entre mil dificuldades que, todavia, não a amedrontam.

Um esplêndido filme sobre a doença, sobre o que quer dizer amar-se mesmo quando no casal, somente funciona somente uma cabeça, mas os corações ainda são dois a bater um para o outro, com a extraordinária capacidade de cuidar de quem está ralentando. Em suma: ri-se e se chora observando, graças à bravura dos encenadores que souberam traçar o livro do qual a história é extraída, como o cinema sabe fazer. E ‘parabéns’ a Paolo Virzi que soube ir ao encontro destas duas estrelas, Helen Mirren e Donald Sutherland, decidindo fazer junto, o que será também a viagem rumo ao Oscar.

Da viagem íntima vivida como fuga de amor de Ella&John, que entre ironia, ternura

e comoção fascinará o público, a minha atenção se volta para um outro casal monumental do grande cinema: Jane Fonda e Robert Redford, nos papéis de Eddie e Louis em *“As nossas almas à noite”* (Our Souls at Night).

Ambos viúvos há muito tempo, com filhos grandes que há anos não vivem mais com eles. Eddie se apresenta uma noite após o jantar, na casa de Louis, fazendo-lhe uma proposta: “Queres vir dormir comigo alguma noite? Não para o sexo, mas para conversar”. Os dois, na realidade, mesmo vivendo em casas vizinhas há muitos anos, nunca se visitaram pessoalmente; o que um sabe do outro é exclusivamente o que as vozes do lugar contaram ao longo dos anos.

Assim, eles também fazem uma viagem, mesmo aqui a iniciativa é feminina! Uma história simples, como são simples as jornadas de dois anciãos que precisam de alguém a quem, à noite, poder dizer “Boa noite”; duas solidões em busca de conforto e de tradições enraizadas; simples no relato, simples na apresentação e nas ambientações.

Todavia, com dois protagonistas deste calibre e experiência – 79 anos, uma e 81 o outro – qualquer contexto ou personagem arriscaria desaparecer. Não com eles! Sobretudo no caso de Redford, envelhecido de maneira invejável, com o olhar sempre poderoso, capaz de expressar tanto com um só olhar, é capaz, como poucos, de não impor-se e de não sobrepor-se à interpretação.

E Jane Fonda interpreta esplendidamente esta mulher que toma a coragem nas próprias mãos e consegue romper uma rotina, capaz de reabrir uma agenda com as páginas coladas pelo tempo (uma das passagens mais belas deste filme, rico de detalhes), mas tudo encontra sempre um equilíbrio.

E como a crítica já escreveu: «Um ‘Comfort’ Movie que nos deixa com a clara sensação de que no fundo não sirva para muito mais. Nenhuma ‘Big News’, somente a possibilidade de viver a vida, dia a dia, podendo narrá-la, à noite, a alguém. De gozar da magnificência dos panoramas do Colorado ou dos hábitos e dos amigos da pequena Holt (como o pungente Dorian, de um esplêndido Bruce Dern) em que tudo se desenvolve. Um Midwest arquetipo, no qual deitar-se à espera do golpe da cena final, um

twist leve também ele, que se aceita com serenidade. Sobretudo depois do pequeno parêntese com a filha dele, *Holly* (Judy Greer). Um momento ao qual se chega lentamente, acompanhados e ao lado dos dois 'companheiros de viagem' e que, com um toque leve, fere o coração».

Ella&John e *As nossas almas à noite* são dois filmes que não mudarão a história do cinema, mas representam uma tentativa genuína na forma e honestidade dos conteúdos. Ambos capazes de apontar diretamente para o coração, o primeiro com ironia e ternura, o outro com doçura e absoluta pureza, mostrando toda a beleza e a simplicidade de duas vidas num ponto de virada, sem escorregar no costumeiro clichê narrativo: "it's never too late". E ambos o fazem por meio dos autênticos campeões (Helen Mirren-Donald Sutherland e Jane Fonda-Robert Redford) que, apesar da idade, conseguem ainda transmitir o melhor de si, com grande cumplicidade e empatia, envolvendo com elegância e fineza o público, no pensamento de que "*Amar-se uns aos outros como adultos*" é bonito, e envelhecer com graça, é possível.

COMUNICAR *Literatura*

Eu estive no inferno

de Andrea C. Hoffmann, *Patience I.*

■ **Emilia di Massimo**

emiliadeimassimo@libero.it

Eu estive no inferno. O título diz tudo, porque é realmente o pior dos pesadelos aquele que uma mulher cristã nigeriana, Patience, viveu nos dois sequestros sofridos por Boko Haram, eventos que Andrea Hoffmann, jornalista alemã, relata no livro. Patience tinha 25 anos e estava grávida, quando foi capturada. Conseguiu escapar; capturada novamente, ainda conseguiu fugir.

■ **Patience, sobreviveu ao Boko Haram**

Lendo o livro "*Estive no inferno. Em fuga da Boko Haram*" com minha filha, vêm à

memória fatos, episódios, palavras e anotações já encontradas na literatura que relatou a loucura dos campos de concentração nazistas, ou a dos gulag soviéticos.

Na história desta jovem mãe (Patience, 25 anos, estava grávida quando foi capturada pelos terroristas islâmicos, em sua aldeia Ngoshe, nos entornos da cidade de Maiduguri, ao norte da Nigéria) se refletem muitos aspectos do totalitarismo do século XX: a ideologia que se apodera dos homens até levá-los a cometerem atos desumanos; o sofrimento extremo e inocente de mulheres, crianças, anciãos; a insensatez da violência cega.

Com apenas dezessete anos, Patience já é viúva: o marido, que lhe havia sido imposto, foi morto pelo Boko Haram. Meses depois, ela, cristã, se encontrará sendo a segunda mulher de um homem que, seja como for, ama. Enquanto isso Boko Haram vai dominando sempre mais. Ela será capturada nas primeiras semanas de gravidez, juntamente com outras moças (quando já estava familiarizada com as jovens de Chibok). Assiste petrificada a cenas inenarráveis (mulheres grávidas estripadas, canibalismo...). Com a ajuda de um jihadista de rosto humano, que ela descobre ter sido cristão, consegue fugir. Mas bem depressa será capturada de novo. Ainda conseguirá fugir, graças a outro jihadista que se apiedou dela. Encontrará fortuitamente, em um improvisado campo de refugiados nos Camarões, o marido, mas, também ali explode de improviso o ataque do Boko Haram. Ataca e extermina os homens, dentre os quais, o seu esposo Ishaku, do qual verá a cabeça decepada. Poucas horas depois, dá à luz o seu bebê. Sozinha, na floresta. Em seguida conseguirá, ajudada pelas mulheres dos soldados, na fronteira, voltar para a Nigéria, em Maiduguri: a sua aldeia já havia sido incendiada. Quem lhe dá força para prosseguir é Gift, sua filha, cujo nome quer dizer "dom": este é o nome escolhido para a sua menina. «*Não sou tão otimista para poder dizer que deixei o pior para trás, mas estou segura de que, para mim e Gift, o melhor está para vir*».

Andrea Hoffmann, jornalista alemã, acolheu a história de Patience, escutando-a e cruzando o seu testemunho com o de outros espectadores oculares, ficando ciente de atos inenarráveis. Gestos desumanos que

têm verdadeiramente as cores do inferno. A história de Patience é comum, infelizmente, a que muitos nigerianos têm vivido nos últimos tempos, desde quando, em 2010, o Boko Haram lançou uma ofensiva terrorista em larga escala. Foi então que aconteceu o assassinato do primeiro marido, o ataque à sua aldeia, a sua captura junto com outras jovens (os machos cristãos são decapitados no local pelo Boko Haram que não faz prisioneiros, mas somente prisioneiras); os matrimônios forçados de meninas, também de 12 anos, com milicianos sedentos de sangue e de prazer.

A sua história encerra muitos dramas em seu drama, e é somente a coragem e a audácia da juventude, que lhe restitui a liberdade, e nos permite ler a sua história.

■ Não podemos dizer que não sabemos

Também existe neste relato o diagnóstico do absurdo terrorismo islâmico: «Fora começava a escurecer. No pátio ouvi os homens do Boko Haram rezar. Que Deus estranho é o deles, pensei. Qual Deus ordena aos seus fiéis de matar ou capturar outros seres humanos? Era ao mesmo Deus que rezavam os nossos vizinhos muçulmanos? Eles nunca se comportaram assim e não haviam nunca acenado ao fato de que Deus lhes ordenasse de fazer o que fazem. Mesmo sem saber muito, eu suspeitava que aqueles homens estivessem muito enganados. Alguém deveria ter envenenado as suas mentes». Na simples consideração de Patience, a sábia compreensão da verdadeira natureza do terrorismo: a instrumentalização da religião com finalidades políticas.

«Eu me impus de afastar toda dúvida do meu coração. Tinha necessidade do meu Deus, tinha necessidade d'Ele mais do que qualquer outra coisa no mundo»

Existe uma relação evidente com o romance *Silence*, de Shusaku Endo (hoje está também nas telas sob a direção de Martin Scorsese) quando Patience, testemunha de tanta desumanidade contra os cristãos por parte dos islâmicos, não se impede de pedir contas a Deus sobre tudo isso: «Eu me impus afastar toda dúvida do meu coração. Sentia necessidade do meu Deus, precisava dele mais do que de

qualquer outra coisa do mundo. Implorava ao Senhor para livrar-me daquele inferno e levar-me para casa. Rezei pela salvação de jovens. Nenhuma de nós Te renegou. Nós apenas fingimos rezar a Allah», disse, convicta de estar falando em nome de todas.

A aldeia de Patience, Ngosche, encontra-se a poucos quilômetros de Chibok, no Estado de Borno, o mesmo lugar onde, na metade de 2014 aconteceu uma captura em massa, de 276 moças. Andrea Hoffmann, escutando as jovens protagonistas e outras testemunhas, reconstrói as motivações do gesto do atual chefe do Boko Haram, Abubakar Shekau, pouco conhecidas, e afirma: Isto é devido antes de tudo ao fato de que é realmente muito perigoso estar no campo. Mas também porque nós, europeus e americanos olhamos para outro lugar”.

Ao dar as motivações pelas quais escreveu este livro, a autora assim se exprime: *“Querida que as pessoas lesem o livro, e queria também escrever tudo aquilo que Patience me havia dito. Assim procurei, simplesmente, permanecer fiel aos fatos. Por aquilo que eram. Para informar a todos o que acontece na região”*. Hoje, Patience encontra-se numa comunidade cristã, tem a sua máquina de costura e está aprendendo a usá-la para poder ganhar alguma coisa como costureira. A autora a define assim: *“É tímida e silenciosa. Ela, na verdade, se percebe que é uma mulher quebrada. Mas, ao mesmo tempo reconhece que em sua jovem vida sempre precisou enfrentar dificuldades incríveis. Se tivesse sido uma ocidental talvez não teria conseguido fazer tudo o que fez. Certamente nunca vai esquecer, mas, sobretudo pensa em sobreviver, em cuidar de sua filha e ir avante. Isto lhe dá força”*.

«Fora começava a anoitecer. No pátio ouvi os homens do Boko Haram rezar: que Deus estranho é o deles, pensei. Qual Deus ordena aos seus fiéis de matar ou capturar outros seres humanos?»

Na história de Patience ressoam o sofrimento, a tenacidade e a coragem de uma multidão de mulheres que combatem e sofrem em muitos cenários terríveis do mundo. Um relato impressionante, um testemunho único a respeito de uma tragédia sobre a qual sabemos pouco; um hino à liberdade feminina para além de toda etnia,

de toda religião, de toda distância geográfica, em nome daquele luminoso e irrenunciável valor absoluto, que é a vida. Este livro, mais do que outra coisa, nos faz entrar na alma de uma jovem mulher de quem talvez não suspeitaríamos tanta profundidade do olhar, do raciocínio, dos sentimentos... e, também, da verdadeira fé. Graças a livros como estes, não podemos dizer que não sabemos, e a comunidade internacional não pode virar para o outro lado, como em outros casos; infelizmente isso aconteceu. É, então, um precioso “testemunho”, em muitos níveis.

Para conhecer: *As jovens capturadas de Wolfgang Bauer (A Nova Fronteira)* e para os jovens: *As moças roubadas. As histórias de jovens raptadas pelo Boko Haram, de Viviana Mazza e Adaobi Tricia Nwaubani (Mandadori)*, além da história, diferente das precedentes, e sempre tendo ligação com islamismo nigeriano, de *Safiya*, que escapou da lapidação.

COMUNICAR *Música*

As startup e o mundo da música

Mariano Diotto
m.diotto@iusvre.it

As startup são novas empresas que nascem de ideias inovadoras e que querem impor-se no mercado, procurando fundos para subvercionarse. Em caso de sucesso, têm a vantagem de, tendo apenas começado, utilizarem geralmente uma limitada quantidade de recursos, tanto humanos quanto financeiros, e são ricos da “vontade de fazer”. O objetivo desses novos empreendimentos é de crescer em velocidade para transformar-se logo em verdadeiras empresas.

No mundo da música há as startup que hoje se tornaram multinacionais, conhecidas em nível internacional.

Spotify, que é o serviço musical mais famoso entre os jovens e que oferece o streaming musical de milhões de canções de forma gratuita ou a pagamento, nasceu em 2008 da startup sueca Spotify Ab, e hoje tem mais de 140 milhões de usuários em todo o mundo, e mais de 2 bilhões de euros faturados. Também o nascimento de **SoundCloud** parte de uma startup. Na origem apareceu a Stocolma, porém na realidade foi oficialmente fundada em Berlim, em agosto de 2007, pelos jovens Alex Ljung e Eric Wahlforss.

SoundCloud é um site da web que permite aos músicos colaborar, promover e distribuir a sua música graças a esta plataforma. Os dois fundadores queriam dar a oportunidade aos músicos emergentes de compartilhar o seu talento com outras pessoas, em rede; sucessivamente o site foi transformado em um verdadeiro projeto de business, tornando-se um instrumento editorial integral, que tem permitido a cantores e bandas distribuir digitalmente as suas faixas musicais, abatendo os custos da edição do CD e da sua distribuição. No mês de abril de 2009, SoundCloud recebeu um financiamento de 2.500.000 libras da Doughty Technology Ventures Hanson, transformando-se de startup em uma empresa verdadeira.

■ Construir as relações com os próprios fãs

Um exemplo todo italiano de startup é **Musikee**. É uma plataforma na web que permite aos cantores e às bandas emergentes, mobilizar os seus amigos planejando ações com o objetivo de serem feitas pelos próprios fãs para aumentar a notoriedade através do boca-a-boca, que, porém, é digital.

Nascida em 2014 da ideia de uma equipe de trabalho composta por alguns jovens da Universidade Católica, a startup tem o objetivo de oferecer aos músicos um instrumento digital por meio do qual estimular e orientar as atividades *online* e *offline* dos próprios fãs e amigos.

Visto que o mundo da web e das mídias sociais já é o mais popular entre os jovens, tiveram a ideia de inventar um simples sistema de missões e recompensas: os fãs desenvolvem atividades propostas pelo

artista preferido, como a panfletagem, a partilha dos conteúdos nos blog ou nas redes sociais, ou a aquisição dos CDs. Como gratificação obtêm a possibilidade de aderir a recompensas pensadas diretamente pelo seu cantor ou banda, como por exemplo uma foto autografada e postada na rede, ou o ingresso ao *backstage* de um concerto, ou uma citação dos próprios perfis sociais. O músico pode, portanto, envolver os fãs e difundir a própria música, graças à ajuda dos seus *follower* digitais.

O aspecto interessante desta startup é que, ela parte da análise da utilização por parte dos jovens do mundo digital, pondo-o em primeiro lugar e tendo como o **objetivo final: criar relações reais.**

■ De uma falência a uma ideia vencedora: musical.ly

Outra *app* móvel que é popular entre os jovens é a **musical.ly**. Ela se autodescreve como “a rede social dos teus vídeos” e é uma plataforma social endereçada principalmente aos apaixonados pela música, permitindo-lhes fazer vídeos originais, partindo das canções dos próprios ídolos musicais, para depois compartilhá-los com os amigos da rede.

Uma vez descarregada a *app* no próprio *smartphone*, pode-se selecionar uma canção entre aquelas disponíveis, colocando-se defronte à câmara, e se inicia a gravação de um filme em que é preciso imitar as palavras da canção em modalidades *playback*. Enquanto esta é reproduzida em segundo plano.

Como todas as redes sociais, existe uma ampla possibilidade de personalização, como os filtros que mudam a velocidade acelerando o vídeo, ou se podem aplicar máscaras no rosto.

Escolhendo, por exemplo, gravar em ralentadores para simplificar o labial que segue as palavras da canção, o software, terminada a gravação, irá acelerar o filme e o adaptará à canção original tendo, portanto, imagens que se movimentam mais rapidamente enquanto a canção é reproduzida na sua velocidade normal. Uma vez gravado o filme, poder-se-á partilhar com os próprios amigos diretamente no *app* tornando-o público.

Para aprofundar: <https://musikee.com> e <https://musical.ly>

Em maio de 2017 o **musical.ly** superou 200 milhões de usuários registrados, com cerca de 12 milhões de vídeos carregados a cada dia, mas foi fundada na China em 2014 por dois jovens chamados Alex Ahu e Luyu Yang. Antes de lançarem o **musical.ly**, haviam criado uma rede social com objetivos educativos em que os usuários podiam aprender a ensinar diversas matérias mediante breves vídeos de 3 a 5 minutos. Todavia, mesmo tendo encontrado investidores dispostos a financiar esta startup, a plataforma não teve sucesso e então decidiram mudar o alvo e focar os adolescentes. A ideia inicial era criar uma plataforma que incorporasse música e vídeo em uma rede social, e hoje os resultados são visíveis.

COMUNICAR *Laboratório Imagem*

O storytelling para imagens e a força formativa

■ **Caterina Cangia**
sistem@thesistem.it

As histórias são um componente importantíssimo da cultura, e a arte de narrá-las, ou o storytelling, nunca envelhece. A prática fotográfica, quando é feita nos laboratórios para adolescentes e jovens, conclui-se muitas vezes com o storytelling visual que, às vezes, toma o nome de foto-relato ou foto-história. Em palavras simples, é o jeito que o fotógrafo tem de narrar uma história por meio de uma série de disparos fotográficos. Se considerarmos a narração por meio da fotografia como uma arte, então a paixão que habitou o coração e a mente do autor do relato fotográfico, contagia aqueles que o “escutam com os olhos”.

■ Escutar vendo

A frase: “Uma imagem vale dez mil palavras” justifica a arte do storytelling

fotográfico mesmo se não seja automático que toda imagem relate uma história. Em primeiro lugar, as imagens são colocadas em uma determinada ordem que pode ser tanto cronológica quanto serial, com o claro objetivo de chegar ao coração das pessoas que irão vê-las. Em segundo lugar, são fundamentais as legendas que acrescentamos às nossas fotos para que ajudem, quem as vê, a entender cada imagem para colher melhor o discurso geral da foto-relato. A legenda deve simplesmente ampliar a compreensão da imagem, porém, não deve narrar a história. A narração concerne às imagens.

■ Um storytelling pastoral ao longo das linhas da Palavra de Deus

É possível alcançar pastoralmente muitas pessoas por meio da boa prática do “relato fotográfico” quando o tema escolhido tem um claro paralelismo com a Palavra de Deus. É belíssimo empenhar-se em relatar as parábolas de Jesus com as fotos atuais tiradas no mundo de hoje, para as pessoas de hoje. Eis então “A ovelha perdida e reencontrada” e o “Filho pródigo” abraçado com ternura pelo Pai, que nunca se cansou de esperar o seu retorno, relatados com fotografias. E a beleza infinita dos salmos? De cada versículo de alguns salmos altamente poéticos, é possível fazer brotar um relato fotográfico que encanta, por primeiro, os jovens empenhados em reescrevê-lo com a luz. É, certamente possível, fazer tesouro do empenho que um grupo de jovens coloca ao realizar um relato fotográfico para formá-los à verdade, ao dom de si e à beleza. Entre os salmos de louvor mais adaptados ao relato fotográfico há os salmos 113-118, tecidos de beleza, que escondem entre palavras poéticas uma grande energia espiritual que consola a alma e cura as relações enfermas. Deus, fonte de todo bem, pode ser louvado, cantado, abençoado e celebrado com a fotografia. O Deus bom e misericordioso ao qual os salmos tecem os louvores, pode ser “colhido” por mais de cem símbolos dos quais a natureza é portadora.

Situações cotidianas de dor, angústia, desânimo podem muito bem ser “relatadas” pelas fotografias que têm como legenda simplesmente versículos de salmos, sem outros comentários nossos. Que possível foto nos vem em mente para combinar com o

versículo: “O Senhor escuta a voz do meu pranto?” e qual outra para combinar com: “Na minha angústia clamei pelo Senhor e ele me escutou”. Do mesmo modo é possível relatar a atualidade com o versículo: “Os pobres comerão e ficarão saciados”. Cada salmo nasce de uma autêntica experiência do homem diante de Deus. É possível fazer os adolescentes e os jovens entenderem melhor esta experiência por meio da fotografia.

■ Step by step

Precisamente como se faz antes de qualquer projeto, seja ele textual ou gráfico, é indispensável redigir um plano de trabalho. O *planning* é parte essencial do *storytelling* fotográfico. O que temos na mente e no coração emerge na foto que tiramos, por isso é indispensável ter claro – na mente e no coração – o que queremos dizer. Depois de ter claro o argumento, decidimos por um disparo fotográfico conclusivo, que é aquele que permanece mais impresso na memória.

Pergunta-se com frequência: *tiro uma foto isolada ou faço uma série de fotos?* Tudo depende da história que é contada. Se uma imagem isolada representa parcialmente a verdade, então é necessário propor mais disparos fotográficos que se tornem as unidades visíveis da narração, sempre com um tema único, mas com detalhes diferenciados. Escolhemos imagens que sejam “fortes” no sentido de serem emocionalmente envolventes, capazes de criar um forte impacto em quem as vê. Pedimos aos jovens para confiar na própria inspiração. Se eles veem um sujeito calmo e quieto no tráfego da cidade, este pode bem representar a busca da paz no meio do caos. A fotografia tem o poder de fixar átomos de tempo que reúnem intensos significados, como neste caso. Lembramos ser originais, descartando as fotos banais, mesmo se impecáveis tecnicamente... e lembramos aos jovens a frase de **Roland Barthes** “*cada fotografia é um certificado de presença*”.

E depois, que belo, no final do laboratório, quando “escutaremos com o olhar” aquilo que os nossos jovens, surpreendendo-nos, nos mostrarão nas linhas de palavras como: «...*diante de ti os pensamentos do meu coração, Senhor, minha rocha e minha salvação...*». Realmente, que lindo!

Camilla

Vida pontilhada... vida feliz!

Quero fechar o ano na beleza, sugerindo a mim mesma, em primeiro lugar. E também a cada uma de vós, amigas, que me ledes com o afeto e a benevolência de sempre, a reflexão que me acompanhou nesses dias.

Em nenhuma das últimas vezes eu vos propus uma reflexão sobre o sentido das palavras, às quais, com mais frequência do que imaginamos, fazemos dizer aquilo que elas não tencionam dizer absolutamente. No entanto, se estivéssemos atentas também aos significados do que transmitimos, poderia acontecer que um falar pouco atento à pontuação, comunicasse algo diferente do que gostaríamos de dizer. É assim mesmo a, caras amigas: vírgulas, pontos e todos os pequenos sinais que apoiam os nossos discursos, são realmente indispensáveis! Como faríeis para respirar se não existissem as vírgulas? E como poderíeis levantar questões, expressar entusiasmo ou deixar somente intuir o vosso pensamento, sem os pontos de interrogação, exclamação e a reticência?

E não queirais convencer-me de que CAMILLA DISSE: «A MADRE É UMA PESSOA ESPECIAL», é a mesma coisa que dizer CAMILLA, DISSE A MADRE, É UMA PESSOA ESPECIAL.

Em suma, as palavras não ficam em pé sem os sinais de pontuação e vos direi mais: nem mesmo os jovens que frequentamos conseguirão ficar em pé se não aceitarmos pontuar as suas vidas com tantos pequenos sinais que passam inobservados, e fazem sentir a sua importância somente quando faltam.

Penso que seja propriamente típico do amado carisma dos nossos Fundadores, entrar na existência dos jovens como humildes e eficazes sinais de pontuação; humildes, porque caracterizados pela invisibilidade de quem sabe colocar-se em segundo plano; eficazes na medida em que sabem ser o sinal certo, no lugar exato, no momento oportuno.

Então, quem sabe talvez possamos também escrever novas bem-aventuranças e alternativas originais.

Felizes vós, VÍRGULAS quando doais aos jovens, breves pausas restauradoras;

Felizes vós, PONTOS DE INTERROGAÇÃO, porque pressionais a perguntar-se e a não dar nada por sem importância;

Felizes vós, DOIS PONTOS, que permitis a eles pôr em ordem os fragmentos da vida;

Felizes vós, PONTINHOS DE RETICÊNCIA, quando os convidais à paciência, à prudência e à espera.

Felizes vós, PONTOS, porque indicais quando é necessário parar. E, talvez, começar de novo;

Felizes vós, PONTOS DE EXCLAMAÇÃO quando ressaltais aquilo que torna a existência fascinante;

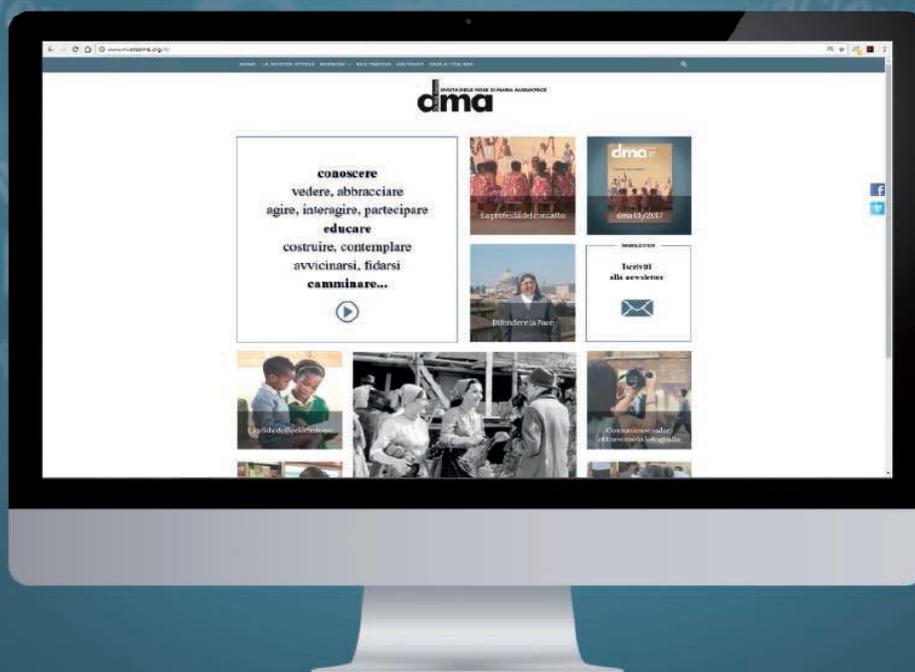
Felizes vós, ASPAS, quando entregais a eles, a Palavra exatamente como ela é;

Felizes vós, FMA de todo o mundo que, como incansáveis “sinais de pontuação”, marcais a vida dos jovens, para que relate uma história verdadeira, que flua rápido para Deus.

Palavra de C.



SIAMO ONLINE!



A revista **DA MIHI ANIMAS** é online na sua versão digital. O convite é para visitar e navegar no Site daWeb, criar e manter link eletrônicos, estabelecer conexões de pensamento e de troca com leitores, FMA, leigos e jovens, Família Salesiana para alargar o compartilhamento e a aceitação em rede de conteúdos culturais em favor da vida e da missão educomunicativa do Instituto. **Venha visitar...www.rivistadma.org**



Il codice QR (Quick Response), qui a lato, ti permetterà di fornire al tuo dispositivo mobile (smartphone o tablet), diverse informazioni semplicemente inquadrandolo con la fotocamera del tuo dispositivo. Scarica l'App gratuita, inquadra e potrai condividere con noi molti contenuti extra.

www.rivistadma.org



«Fazei o que podeis: Deus fará o que nós não podemos fazer. Confiais todas as coisas a Jesus sacramentado e a Maria Auxiliadora, e vereis o que são os milagres»

(Dom Bosco a Dom Cagliari, 14 de novembro de 1875)

Nesta Edição: Tradução dos textos para a Língua Portuguesa

*Tradutora: Ir. Maria Aparecida Nunes fma
Revisora: Ir. Maria Gazzetto fma
Inspetoria Santa Catarina de Sena
São Paulo - Brasil*